

Stadium

N.º 58 ★ 12 DE JANEIRO DE 1944



ATLÉTICO-BENFICA

Daqui nasceu o 1.º «goal» do Atlético. Cesar antecipou-se à entrada de Martins e a bola, indo parar aos pés de Catinana, proporcionou a este o tento

(Foto Nunes d'Almeida)

OS PROBLEMAS NOTAS & COMENTÁRIOS

DIRECTIVOS NO DESPORTO

DIRIGIR qualquer colectividade constituiu sempre tarefa difícil para quem enquadra a sua acção dirigente dentro do objectivo a que tódas as agremiações visam, no plano superior da respectiva finalidade. Para qualquer clube, associação ou federação, a tarefa será sempre difícil, se não houver apenas a preocupação imediata de limitar o trabalho à simples existência da colectividade, à custa de uma orientação que não corresponda à função educativa do desporto.

Dirigir não é somente administrar — e ganhar trofeus. Dirigir é, fundamentalmente, educar e orientar. E um dos problemas em que assenta a actividade em desporto — é o da disciplina. A disciplina é uma qualidade que o desporto deve criar — ou desenvolver. Podemos, assim, chegar à conclusão de que a função de dirigir abrange problemas múltiplos, de evidente complexidade, que vão desde a administração pura e simples, no ponto de vista financeiro, até à missão, desagradável mas necessária, de julgar e castigar quem se desvia das boas normas disciplinares.

Não é fácil nem é comodo impôr e defender a disciplina, castigando. Há um número regular de particularidades a tomar em linha de conta. A justiça, para ser completa, e para corresponder à sua função própria, tem de ser justa — passe o pleonismo — oportuna e inflexível. Deve ter especialmente por base a análise do delicto, condições em que foi praticado, ambiente que o tornou possível, intenção do delinquent e seu comportamento anterior, para fixar atenuantes e agravantes. Deve ser aplicada na altura própria — sem demoras. E não deve olhar-se a conveniências, nem aos prejuizos que o castigo pode trazer à colectividade a que o delinquent pertence. Não pode esquecer-se nunca a figura lendária da justiça — balança numa das mãos, olhos vendados. Deve ponderar-se tudo no acto do julgamento, pesando tudo na balança. E deve cortar-se a direito, sem olhar aos prejuizos que a sentença pode causar.

Julgar é, ainda e sempre, educar, castigando em condições de constituir exemplo. E é preciso dar bons exemplos. Essa função tem por isso de ser elevada, para se manter no plano superior de uma isenção completa, criteriosa para ser perfeita, e oportuna para que não demore por forma a fazer nascer dúvidas sobre a impunidade. E não pode ser condicionada aos efeitos do castigo — na colectividade a que os delinquentes pertencem, ou nos desportos que praticam. *Dura lex, sed lex.* E a lei é igual — para todos.

O problema da assistência médica nos clubes de desporto entrou numa fase de pesados encargos. Antigamente, apareciam dedicações, como pode ser a do dr. Américo Nunes pelo clube que o fez atleta. Serviam nos clubes dedicadamente e sem retribuição.

Pois agora, para defesa de interesses que é natural considerar legítimos, tem de ser tudo pago — e por bom preço. O pior é o reflexo da retribuição nas finanças colectivas. O problema financeiro vai sendo cada vez mais complicado...

ENTRE as verbas fixadas no orçamento geral do Estado há uma que interessa ao desporto — o reforço de 3.200 contos na verba do Estádio Nacional, para se ultimarem os trabalhos de construção.

DISCUTE-SE agora se Beni Levi está ou não em crise, devido aos resultados obtidos em Espanha. Não queremos participar do pleito... Mas é interessante a divergência de opiniões, especialmente quanto às condições em que o pugilista foi para o país vizinho. Devia ir? Não devia ir?

O que tem sucedido é um pouco o reverso do que lhe aconteceu entre nós. O problema é de certo modo o mesmo — a influência das arbitragens patrióticas no resultado de um combate, e a escolha de adversários que o possam bater. No fundo, há um equilíbrio de valores que honra Beni Levi. E bate-se até ao fim. E por isso que, mesmo perdendo, vai fazendo «cartels».

ESTE caso dos resultados dos combates de box entre portugueses e espanhóis, no país vizinho, merece mais um comentário. Agostinho Guedes foi batido por Inácio Ara, apontado como veterano. Mas Inácio reconquistou brilhantemente o título de campeão espanhol dos médios. Não é, pois, um homem «gasto».

Tem já uma idade regular — mas é rijo a bater. No decurso deste ano, venceu, sucessivamente, Ferrer, Eloy, Angel Felipe, Llorent e Grillen. A carreira de Inácio Ara valoriza a derrota sofrida por Agostinho Guedes.

CONTINUA sem solução o campeonato de «box» para amadores. Fala-se na prova de quando em quando. Mas não há maneira de a levar a efeito.

Em toda a parte, é na categoria de amador que se começa. Entre nós, o começo faz-se pelo fim... Os pugilistas aparecem — como fenómenos. É por isso que brilham pouco — por falta de boa escola.

A direcção do Belenenses suspendeu o jogador Salvador Jorge, guarda-rédes da primeira categoria, por causa de afirmações feitas pelo mesmo jogador em entrevista concedida a um nosso colega portuense.

A palavra é de prata. Mas o silêncio é de ouro. Tem, por isso, mais valor...

ANO XII — Lisboa, 12 de Janeiro de 1944 — II SÉRIE-N.º 58

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A Direcção Geral de Desportos e Educação Física vai promover, de colaboração com a Federação Portuguesa de Futebol, a criação de um Centro de Medicina Desportiva, dotado de material radiológico e de outras especialidades, para efeitos de estudos.

É mais uma realização de grande utilidade para o estudo dos problemas médicos relacionados com o desporto.

REGISTAMOS, com muito prazer, a promoção do dr. Joaquim de Oliveira Duarte, illustre presidente da direcção da Federação Portuguesa de Natação, a capitão de mar e guerra, e do antigo presidente da Associação de Futebol de Lisboa, Raul Martinho, a major. A ambos, os nossos cordeais parabens.

FALAMOS, no último número da «Stadium», do torneio de «baskets» organizado pelo Atlético Clube de Portugal, para disputa da taça instituída com o nome do dr. Américo Nunes, antigo jogador, que fez no desfecho da final a sua despedida de provas de desporto perante o público de Lisboa.

O dr. Américo Nunes deixou de ser jogador do Atlético para ser médico da mesma colectividade. Continua a servir o clube — mas em pósto mais elevado. E fica especialmente como exemplo de que a prática dos desportos de competição é compatível com qualquer curso superior. Não são funções antagónicas. E o desporto é excelente como derivativo para o trabalho escolar.

AUMENTA a série dos clubes em festa. O Picheleira, clube, modesto com uma boa folha de serviços, festejou recentemente o aniversário da sua fundação. E o Sport Beira Mar, com um valor afirmado principalmente nos desportos náuticos, completou, há dias, vinte e dois anos de trabalho porfiado em prol do desporto. O aniversário do Beira Mar foi comemorado com dois factos dignos de realce — a vitória da sua reserva de futebol no campeonato distrital de Aveiro e o reatamento de relações desportivas com a Associação Desportiva Ovarense. Um facto com possível reflexo no futuro — e um acto de confraternização entre clubes do mesmo distrito.

Aos clubes em festa as nossas melhores saudações.

É preciso acabar com as cenas de pancadaria e agressão — nos campos de futebol. A última de que temos conhecimento, passou-se em Lourosa, no concelho de Vila da Feira. A Associação Desportiva Valecambrense foi a Lourosa de frontar o Lusitânia, para o campeonato da II Divisão. chegada a Lourosa, eram os visitantes esperados por um grupo de desordeiros, havendo logo insultos e agressões. Uma das vítimas foi o próprio guarda-rédes. O jogo caracterizou-se pela caça ao homem, com pedradas a jogadores, sob a complacência do juiz do campo, sr. Manuel Laranjeira, do Colégio dos Arbitros de Aveiro. No fim, apedrejaram a caminheta em que os jogadores regressaram a Vale de Cambra.

Tornado o facto público, é de esperar que o caso seja apreciado por quem de direito.

D. BEATRIZ RIBEIRO, que foi uma dedicada cooperadora da «Stadium» nas oficinas da Neogravura, é, também, uma artista de fina sensibilidade. Foi discípula do falecido mestre Roque Gameiro e dedica-se especialmente a trabalhos de miniatura, nos quais é perfeitíssima. No «Salão de Inverno» apresentou doze trabalhos, todos originais, que devemos classificar de primorosos — em rigor de expressão, colorido e paciência.

A D. Beatriz Ribeiro apresentamos as nossas felicitações pelo triunfo conquistado na recente exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Para entreter, enquanto as pistas descansam

I — Os 4 mandamentos do saltador em comprimento

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

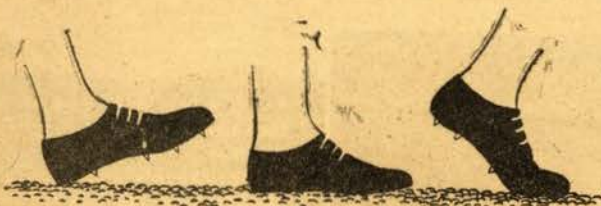
TODO o exercício atlético tem os seus resultados dependentes do aperfeiçoamento da técnica especial, consequência do estudo constante e metucioso de todos os gestos parciais, da sua coordenação e da educação do trabalho para os diversos grupos musculares.

Existem, no entanto, para cada um deles, alguns preceitos elementares de importância decisiva, de cuja dependência fica o êxito de aproveitamento dos esforços desportivos, e os quais muita vez são descurados, com grave prejuízo, pela errada preocupação de cuidar dos pormenores, menosprezando acções gerais que, afinal, são muito mais necessárias de assegurar correctamente.

Já em tempos publicámos na «Stadium» alguns artigos consagrados ao estudo dos princípios técnicos essenciais de certas modalidades atléticas, nomeadamente dos saltos em altura e à vara e da mecânica dos braços durante a corrida.

Valeram-nos animadores incitamentos e testemunhos de apreço pelo seu valor prático em aprendizagem do estilo; uns e outros nos levam agora a continuar a série interrompida, orientando-a no mesmo sentido, isto é, sem o propósito de descrição completa do exercício e apenas focando certos pontos essenciais, que a

generalizados, que impedem o aproveitamento conveniente dos recursos dos saltadores, alguns dos quais seguem no entanto preparação cuidada e persistente. Existem, por conseguinte, erros de interpretação a prejudicar o trabalho desenvolvido, erros de pormenor enfiados na seqüência do exercício aparentemente correctos e que passam despercebidos à análise do executante ou orientador.



experiência nos demonstrou serem habitualmente tratados com leviandade pelos atletas e treinadores, quando, na verdade, merecem a maior atenção.

Começamos hoje pelo salto em comprimento, modalidade onde os resultados portugueses, modestíssimos, traduzem claramente defeitos



FIG. 3

São quatro os mandamentos fundamentais do saltador em comprimento, e vamos, para cada um deles, apontar a causa do erro oculto que prejudica os resultados.

1.º — *Corrida mecanizada*: o saltador deve chegar sempre com o pé de chamada sobre a tábua de impulsão (Fig. 1), facto que frequentemente não sucede aos nossos especialistas. Por quê?

A razão é muito simples: todos sabem que a corrida preparatória deve ser medida e balisada; apesar do cuidado, a marcação é ultrapassada em inúmeras tentativas, ou se perdem preciosos centímetros com o apoio do pé atrasado, isto apenas porque o saltador mediu a corrida mas não teve o cuidado de aprender a

correr com passos sempre iguais, condição indispensável à garantia das marcas estabelecidas.

Por isso: o saltador em comprimento deve treinar regularmente em pista, sobre pequenos percursos de quarenta a cinquenta metros, em velocidade, com partida de pé, fiscalizando a mecanização da passada por meio de marcas colocadas à beira da pista, em pontos previamente determinados por medições permanentes.

2.º — *Na chamada, o apoio e de calcanhar e o descolamento de ponta de pé*: o último apoio do pé, que serve a impulsão para o salto, é diferente dos que o antecedem; francamente iniciado de calcanhar, continuado pela descida progressiva de toda a sola e seguido pela descolagem, também a começar do calc. nhar para a extremidade digital (Fig. 2). Todos os saltadores conhecem este pormenor — mas nenhum se ocupa do seu estudo isolado e indispensável.

Aconselhamos a prática da chamada, ou melhor, do apoio do pé de chamada executando-o com curto balanço de algumas passadas em velocidade moderada verificando o assentamento e o longitudinal do pé no sentido exacto do salto e o apoio elástico — imprópriamente chamado rolamento, mas para o qual não encontramos outra designação apropriada — «cal anhar-planta do pé-dedos» com impulsão progressiva a partir do momento em que o centro de gravidade do corpo ultrapassa o plano de apoio do pé.

(Conclui na pág. 14)

Apontamentos e comentários

à margem do «Torneio de Inverno»

NUNCA se falou tanto de natação, em pleno inverno, como agora. O recente torneio do Estoril excedeu, de maneira geral, aquilo a que estávamos habituados. As provas tiveram a melhor projecção no meio natatório, quer do ponto de vista de propaganda, quer no do pormenor técnico.

Para isso contribuiu, em primeiro lugar, o facto da piscina do Estoril ser, de entre as nossas duas piscinas de inverno, a que melhores condições refina para provas de competição. Não devemos esquecer, repetimo-lo, as provas inter-sócios organizadas anualmente pelo Algés e Dafundo na sua piscina «Eduarda Portugal», onde, ao contrário do que já vimos escrito, se podem realizar competições. Nela se fizeram até as provas preparatórias para a nossa hipotética representação nos campeonatos europeus de 1935.

O que está fora de dúvida é que, para torneios de maiores proporções, o único grande número de nadadores, é preferível a piscina do Estoril, inclusive pelas condições de acomodação do público.

Acima de tudo, porém, o «Torneio de Inverno» teve a virtude de movimentar as colectividades que não dispõem de piscinas de inverno. E, o que é mais, levá-las a resolver esse problema, adoptando o processo naturalmente indicado: chegarem a um acordo com o Estoril Praia ou com o Algés.

Tecnicamente, foi flagrante o contraste, entre os nadadores que têm toda preparação metódica, após o fecho da temporada ao ar livre e aqueles que não puderam segui-la. Por exemplo: o «caso» Mira Gomes — Baptista Pereira. Este último, que durante o verão afirmou sempre boa superioridade (campeão regional e nacional dos 400 e 1500 metros livres e vencedor da «Travessia do Tejo»), perdeu, de forma a não deixar dúvidas, com Mira Gomes — que se manteve sempre em actividade. Não porque os «tempos» de Mira Gomes excedessem o normal, mas sim porque os de Baptista Pereira baixaram sensivelmente.

Outro aspecto curioso do «Torneio» deve ser posto em relevo: o elevado número de bons «tempos» obtidos em todos os estilos e em todas as categorias. Não se particular, Simões, Mira Gomes, Câmara e Sousa, Francisco Salgado, Nuno Salvação Barreto, Hety Heyman e Ana Linheiro, salientaram-se especialmente.

Nestas rápidas notas queremos destacar as exhibições de Hety Heyman — de entre todos os concorrentes o que mais progrediu desde o verão até agora. Revelou-se magnífica especialista de brucos e «crawl» e evidenciou qualidades e nível técnico que devem proporcionar-lhe bons triunfos na próxima época de verão. Ao vencer Rosa Lopes, forneceu uma das notas vibrantes do torneio. O próprio «tempo» conseguido tem valor (3m., 44s. e 4/10), mesmo comparado com o «record» (3m., 35s. e 4/10) de Silvina Vieira Alves, que é uma especialista da modalidade e da distância. Igualmente relevante a sua prova nos 400 metros livres. Da mesma maneira que brilhou em brucos, Hety conseguiu-o em «crawl» de frente. E a marca obtida — 7 m. e 4 s. — é melhor que a do respectivo «record» de juniores, fixado em 7 m. 21 s. e 6/10.

Para fechar, duas palavras sobre a organização — realmente impecável. Começo a tempo e horas rápida seqüência de provas, ordem e disciplina. Apenas de lamentar a deficiência da aparelhagem de som, pormenor a atender em futuras reuniões.

Público não sempre numeroso, mas entusiasta e correcto — e com o seu quê de cosmopolitismo...

ABREU TÔRRES

Hockey Clube de Portugal

Encontra-se aberta a inscrição para os sócios que desejem cultivar ou representar o clube nas seguintes modalidades: «hockey» em campo, esgrima, «voleyball» e atletismo.

BOXING

A marcada derrota de Jack Pestana por K. O. Teremos em A. Silva um futuro campeão?

crítica de R. Barradas

No recinto coberto do Ligas organizou há dias a Sala Central de Desportos um programa sem pretensões, isto é, sem rótulo sensacional — mas que atraiu numerosa assistência. O mais importante combate, entre Jack Pestana e António Silva, constituindo prova eliminatória para o apuramento de um adversário a opôr a Miguel França, era o prato de resistência do espectáculo e justificou-se sem favor.

O primeiro «match» terminou com a vitória do estreante Jack Freitas (60,500), por pontos, sobre António Costa (Négus) (57,800), após seis assaltos lentos e desluzidos. O vencedor mostrou-se mais oportunista e guardou melhor a cara, tática que lhe bastou para obter resultado favorável.

O combate seguinte não tinha decisão, constituindo, por assim dizer, a prova de exame do jogador Joe Costa (56,6) que, amador, deseja ingressar no profissionalismo. Quer física que tecnicamente, está ainda longe de merecer aprovação e, muito embora o concelho federativo não tenha anunciado a seu parecer ao «respeitável», julgamos que ficará reprovado nemine discrepante.

Temos, aqui e noutros lugares, dito e redito que uma constituição robusta é essencial para a prática do «boxing» — e Joe Costa pode ser robusto mas não se encontra bastante trabalhado.

Alberto Afonso (57,2), que lhe deu réplica generoso e sem cair a fundo para não magoar o pretendente, tem muito boa planta: musculado, harmónicamente desenvolvido, ágil e habilidoso, as suas qualidades tornam-no elemento valioso na elaboração de um cartaz. E pena e são algo ridículas as poses tauromáquicas que emprega com frequência. Simulando passes de mulçeta e atitudes de batuque, poderia ter sido colhido por um sócio oportunista, se o adversário fosse outro, é claro.

No fim do 4.º assalto Joe Costa voçava ao sabor do «arguente» e a exibição foi suspensa com critério.

Em seguida, dois pesos médios, António Figueiredo e António Correia, distribuíram mutuamente algumas «broas»... um tanto secas...

Figueiredo é mais forte e mais experiente — mas sabe pouco. Doutra modo teria liquidado, em três assaltos, o máximo, o fraco amador que lhe deu réplica. Pelo contrário, esquecendo-se que «boxing» é a arte de dar e de esquivar, pôs sempre a cara ao alcance dos punhos de Correia, sem necessidade.

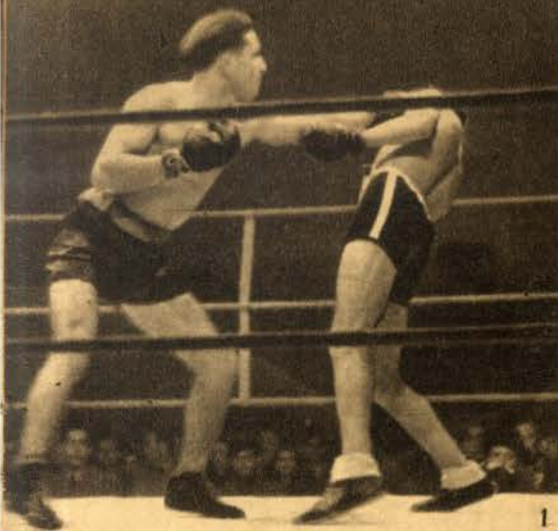
Figueiredo dominou, muito embora, vários rounds — e ao 5.º, tendo a favor 3 quedas mas não se mostrando capaz de ganhar por knockout, foi proclamado vencedor por inferioridade física do adversário.

A decisão, recebida com surpresa, foi talvez precipitada, mas a conduta de Correia, não sabendo a defesa, junto às cordas, a meia dúzia de golpes sucessivos que Figueiredo lhe aplicou nos queixos, deu origem e justificou o procedimento do árbitro.

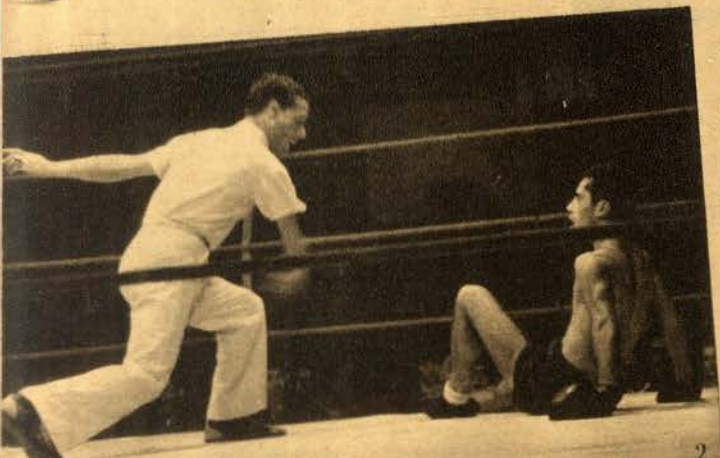
Temos expresso, muitas vezes, que é sempre preferível a um árbitro actuar antes demasiado cedo do que tarde. Neste caso, a inferioridade de Correia, fisicamente, não impunha a suspensão do jogo. Mas tecnicamente o caso era concreto. E que tire proveito da experiência...

O final da sessão pôs Jack Pestana em face de António Silva. Sensivelmente iguais

(Continua na página 14)



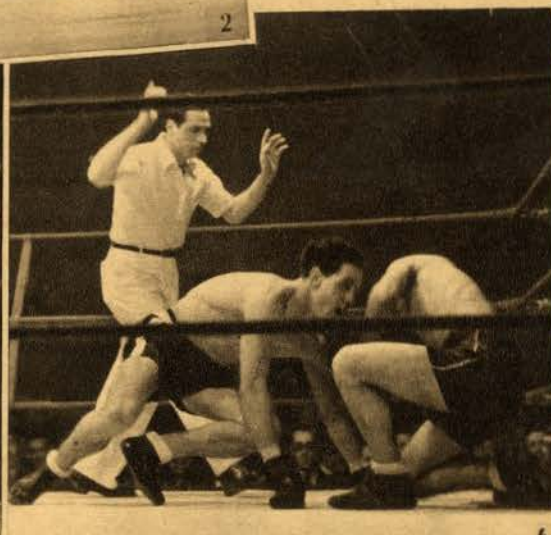
1



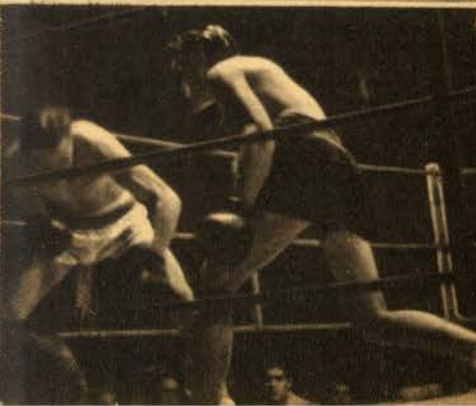
2



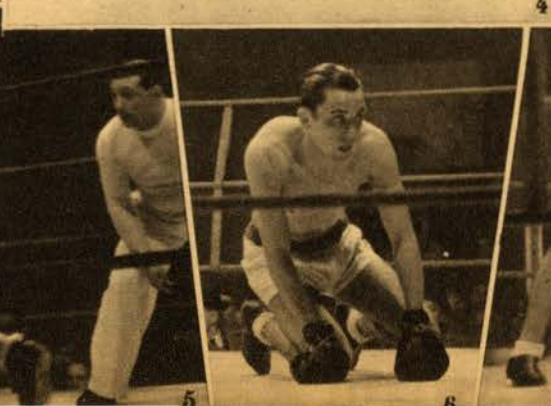
3



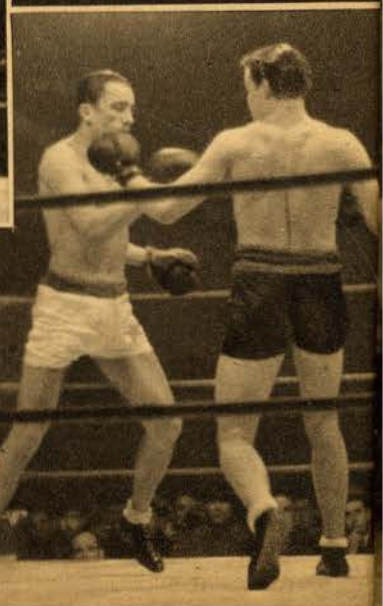
4



5

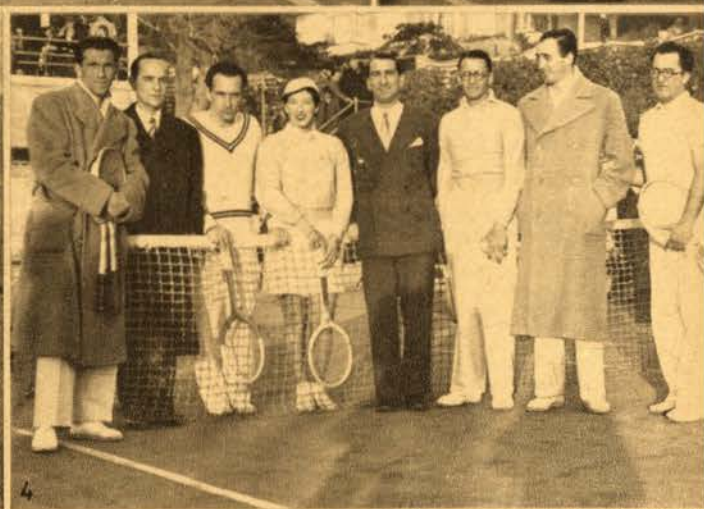
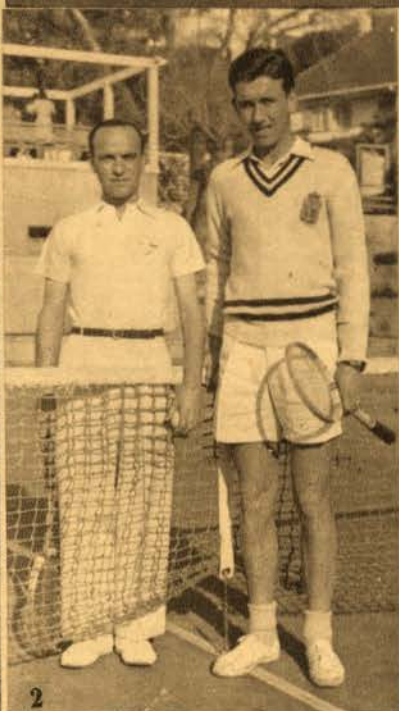
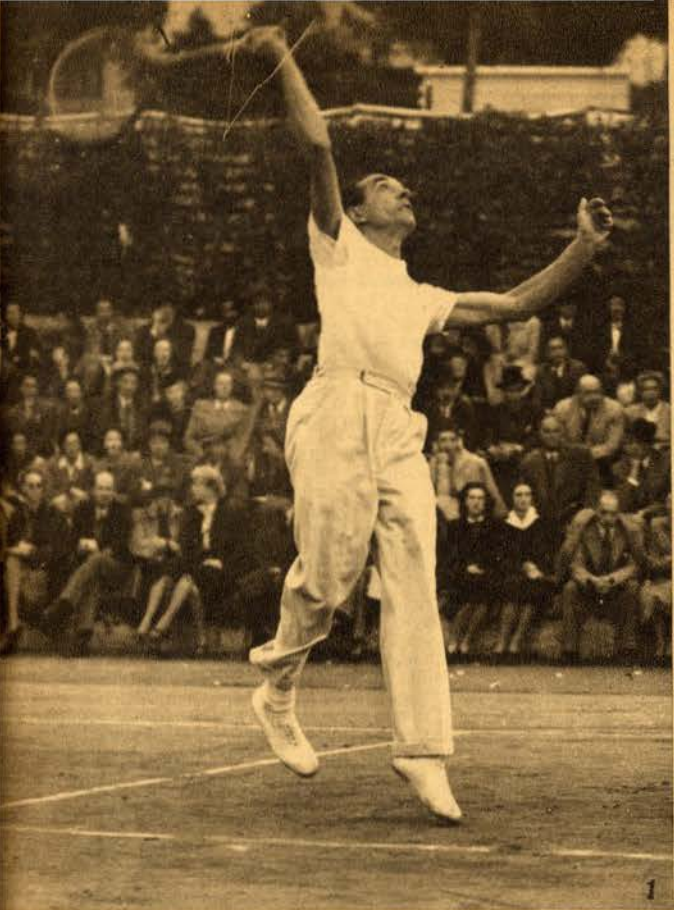


6



1 — Um bom directo na luta Freitas-Costa (Négus); 2 — Joe Costa no chão...; 3 e 4 — Dois momentos do combate Figueiredo-Correia. Observar, na segunda fotografia, a atitude dos dois pugilistas...; 5 — António Silva vai «disparar», o sócio que derruba Pestana definitivamente; 6 — Jack Pestana cai; 7 — Um aspecto deste combate.

(fotos Nunes d'Almeida)



TENIS — Os campeonatos internacionais do Estoril estão a despertar justificado interesse. As gravuras mostram: 1 — Henry Cochet, o famoso jogador francês; 2 — Rurak (romeno) e Gentien (francês); 3 — Sawort (húngaro) e Cobzuc (romeno); 4 — Um grupo de concorrentes. **ATLETISMO** — O Atlético começou os seus trabalhos de preparação com vista à próxima época; 5 — Os corredores que disputaram o "cross" efectuado no domingo. **NATAÇÃO** — O festival organizado pelo Algés e Dafundo na sua piscina de inverno; 6 — Os concorrentes

(Fotos C. Madeira)

ATLÉTICO — vedeta do torneio!

Aspectos da 7.ª Jornada

Comentários por TAVARES DA SILVA

NUM instante, por vezes, desfazem-se reputações futebolísticas ou sintetizam-se dados pacientemente acumulados durante jogos e jogos. Nem se sabe como. Um golpe, uma rajada de sorte ou azar, e tudo cai por terra. Há quem goste desses imprevistos. Para esses sem dúvida o campeonato nacional não corre perigo, porque as indicações fornecidas logo no começo do torneio cada vez se afirmam mais fortemente. Não há surpresas — por assim dizer. O que sucedeu, por exemplo, nesta sétima jornada, é a consequência lógica daquilo que se passou nas restantes já disputadas.

Confirma-se a posição de vedeta conferida ao Atlético. A grande revelação da presente época — respeitada por muitos e por alguns diminuída — não desmerece do conceito geral. Para um torneio em que se presumia uma ascendência do inadora do Belenenses, Benfica e Sporting, é fora de dúvida que o comportamento do Atlético constitui a grande atracção. De tal sorte que o campo da Tapadinha foi pequeno para a assistência — o que mais uma vez prova que a condição essencial para se ter grandes assistências é dispor de um bom *team*, ou, pelo menos, de um grupo regular e superior à média, que o público com pouco se contenta. Tal como hoje se encontra o xadrez da bola não há dúvida que, para todos os lados que o Atlético caminhar, atrairá e arrastará gente.

Com menos projecção, há que destacar também a excelente forma do Olhanense, não só afirmada em casa como fora dela. Não são, neste caso, os números que o indicam, mas a maneira como o *team* trabalha em campo, revelando bem mais qualidades do que defeitos. Ainda outros aspectos, já focados, ganham solidez. O fundo atlético do Sporting e a sua actualização presente favorecida por melhor arranjo das unidades dispostas no rectângulo. Mesmo a primeira vitória da Académica — escassa — indica claramente que a «máquina» de Coimbra não está a funcionar como devia. Como já tem funcionado noutros tempos. Ainda, como balanço geral, pode dizer-se que a tendência é para o nivelamento das forças concorrentes. O que não quer dizer que não haja desníveis. Mas estes são aceitáveis, contando-se no máximo e mínimo que é lícito exigir-se em competição de qualidade e categoria. Acentua-se ainda grave defeito no nosso futebol: é a falta de remate.

Máquina a funcionar bem (Atlético). Desorientação no Benfica.

Insiste-se. O Atlético é um *team*. Nem precisávamos da prova da Tapadinha para assim o classificar, sem exageros ou favoritismos, antes vendo as coisas pelo prisma da verdade. Mas a prova era necessária para muita gente de difícil convencimento e agarrada a ideias.

Um *team* quase completo em todos os aspectos, pelo menos naqueles que se devem considerar fundamentais no jogo. Para já a certeza de que a preparação física dos seus elementos, ginástica e outros treinos, deve contribuir para o êxito do clube, pois todas as outras qualidades caem pela base, desaparecendo até quando não há fôlego nem poder muscular. Nós chegámo-nos a enganar. Vendo um dia o Atlético, em terreno de lama e chuva, afirmámos que o onze não tinha força. Força física — entenda-se. E a verdade é que os jogadores que o Atlético tem de fraca estatura parecem gigantes, e os de pouco peso afirmam uma robustez que lhes permite os mais violentos esforços.

Mas, além de tudo, a equipa revela conhecimentos de futebol, na maneira de executar e na tática adoptada, que não são vulgares. A sua técnica revela-se na jogada de pormenor, na conjugação dos esforços e no aproveitamento das oportunidades. A ligação entre as várias células é evidente, e de tal modo que o jogo de conjunto parece ter apurado as qualidades dos jogadores — individualmente consideradas. Quando um grupo funciona da maneira que se enuncia, todas as unidades estão sempre no seu lugar — parecem mais do que 11, por via disso — e a ideia de velocidade não passa de consequência do facto apontado.

Os jogadores do Atlético correram menos tempo com a bola nos pés do que os do Benfica. O diferente processo de jogo saltava à vista, impressionando. Os atléticos tiveram sempre tempo e oportunidade de chegar à bola quando esta se encontrava nos pés do antago-

nista. Os benfiquenses, quando a procuraram nos pés de um adversário, já ela estava nos pés de outro...

O Benfica, certamente forçado pelas circunstâncias, deu-se a novo arranjo, passando Guia Costa para avançado-centro, já que Gaspar — ao que nos dizem, *tocado* — regressou ao seu lugar. Pelo tempo adiante, a incapaz cidade de G. Costa, ou outro qualquer motivo (que o estado dos jogadores só é conhecido daquele que treina ou orienta) iniciou um regime de alterações que só por si exprimem a mais completa desorientação. Os extremos para interiores, um interior para extremo, um defesa para a ponta, etc., um não acabar de modificações, algumas sem razões convincentes. Caso curioso: este Guia Costa não tem culpa do que está a suceder, mas não há dúvida de que o seu enquadramento no Benfica tem perturbado a vida do *team*. Visivelmente.

Por outro lado, o Benfica deixou-se dominar pela rapidez do adversário — rapidez favorecida pelos seus próprios meios. E o seu sistema, no que toca a jogo de posição ou no aspecto ofensivo, abalou-se, mais do que seria natural. Claro que isto não significa que o clube não tivesse dado a resposta a toda a pergunta, nem tampouco que não estivesse ao pé do empate (e empate, em semelhantes condições, é o caminho aberto para a vitória), mas exprime uma realidade.

Em qualquer dos dois grupos, a linha medular desempenha função de tal relevo que o problema do jogo depende fundamentalmente da sua actuação. Ora, para o esforço abnegado dos rapazes do Benfica, com F. Ferreira à ponta, não há dúvida de que a célula média do Atlético dominou os acontecimentos, seguindo na sua triunfal trajectória. Rijos e ágeis, os irmãos Lopes, com Gregório, acorrem em todos os casos, mandando no terreno. Mesmo quando se colocaram um pouco atrasados, deixando grande espaço de campo desguarnecido, os rapazes de de pacho da bola benfiquenses permitiram que eles chegassem a tempo de serem úteis aos seus avançados, que, diga-se, souberam do andamento ao jogo, principalmente a sua esquerda (com relêvo de Marques) que construíram jogadas do melhor que se tem feito no presente torneio, não esquecendo Castilho, que brincou por vezes com a bola como os gatos em nossas casas brincam com as bolinhas de papel arremessadas para entretenimento...

Nas grandes arbitragens estreou-se o juiz Andrade Pinto (Lisbo). Já tem no seu activo uma boa experiência. Pois não podia ser melhor. A arbitragem deve classificar-se como excelente — em todos os seus aspectos. Foi até uma das vezes em que vimos o sistema da diagonal, que não é da nossa simpatia, funcionar com mais perfeição. Não apitando nem de mais nem de menos, nunca o infractor foi favorecido, como tantas vezes acontece, e o jogo pôde desenvolver-se sem a monotonia das paragens constantes e dentro das boas normas de disciplina. Andrade Pinto arbitrou — orientando o jogo.

Um desafio com duas faces

O Sporting podia ter vencido o Pôrto com a maior das facilidades, e afinal arrancou a vitória a custo, pois o *score* quase até ao fim esteve 1-0, e o empate várias vezes à vista nos pés dos portuenses. É que o seu domínio do primeiro tempo, com vento a favor, e o adversário em toada de jogo defensivo, deram-lhe várias oportunidades de fazer *goal*. Sempre perdidas — devido à morosidade no remate, à preparação do «shot». Ora, por mais de uma vez se tem dito, e bem se sabe, que em frente das balizas, de modo geral, ou se remata logo que a bola está nos pés, e antes de che-

gar, mesmo, ou dificilmente se poderá fazê-lo porque os defesas são caçadores que muito bem se aproveitam destes descuidos ou demoras.

Mas o certo é que o Sporting, com o terreno barrento, não faz *goals*. Outro dia dissemos desta linha de ataque: cinco avançados-dez espingardas. Pois as *espingardas* não funcionaram — como de outras vezes, aliás, tem sucedido (e a expressão tem-nos trazido alguma ironia que, ao menos saboreamos devidamente). E no 2.º tempo tendo o encontro dado a volta o caso apresentou-se com severidade para os leoninos, que eles já mais esperaram.

Porque a equipa do Pôrto, refeita do susto do 1.º tempo, e convencida de que o seu tempo tinha passado, mudou o defensivo em ofensivo, e fê-lo com energia e frescura, acertou nos movimentos e insistência. Os seus avançados, porém, retiraram a gentileza dos sportinguistas. Foram até mais longe: nem sequer marcaram um ponto...

A renovação do Pôrto — pode dizer-se — segue o seu rumo normal, parece-nos que com tacto e prudência. Nas condições em que se encontra o grupo, a derrota do passado domingo não o deslustrou absolutamente nada. Barrigana, o que saiu do Sporting, continua afirmando-se vigoroso e mente.

No Sporting realizou-se a experiência de Barrosa a médio-centro. Porque se trata de um jogador moço e inteligente, e porque se lhe dá uma função de marcação, sensivelmente a mesma tarefa de defesa, o conhecido jogador deverá cumprir, em emergência, ou quando necessário. Tudo que se faça conscientemente para valorizar a linha de médios sportinguista não pode deixar de ser bem visto.

«Teams» que não progridem. A excelência de um ataque (Olhanense)

O Salgueiros está a «descompôr» um pouco o quadro geral. Porque, enquanto quasi todos progridem, o sub-campeão do Pôrto parece não estar disposto a acompanhar este ritmo. Em vez de subir — declina a olhos vistos. Mesmo o que havia de melhor no grupo — bloco defensivo — está a abrir brechas por todos os lados, e tão fundas que a reparação torna-se muito difícil. Sublinhamos uma tendência. Não quer isto significar que os *salgueiros* não tenham dado um ar de graça, no passado domingo. Pelo contrário, durante certo período da segunda parte o ataque realizou coisas de bom feito, mas depois perdeu o norte, reduzindo-se a uma ou outra tentativa, feita de quando em vez. Não fora, mais uma vez, o médio Coura, e a coisa ainda seria pior.

O Salgueiros estreou dois jogadores: Renato, a interior-direito e depois avançado-centro, e Faria, interior-esquerdo. Esta orientação, tirar dos interiores e pôr lá outros dois de uma só vezada, mostra claramente as dificuldades que o agrupamento atravessa, e os trabalhos de cabeça a que os dirigentes se dão para modificar um estado de coisas que já não tem modificação possível, pelos vistos. Os estreantes revelaram alguma habilidade. Já não é mau de todo.

Quem jogou como gente grande, no capítulo do ataque, foi o Olhanense. A linha avançada executou trabalho perfeito. Quasi uma demonstração de como se joga, passando, demarcando, «hootando». Alguns dos lances desenvolveram-se com velocidade e precisão invulgar, ao ponto da defesa contrária se ver afilada, buscando a bola sem nunca a encontrar. Esta faceta dos olhanenses — facilidade de remate — parece-nos pormenor a salientar, porque se nos afigura que, pelo tempo adiante, ainda deverá vir mais ao de cima.

A parte restante do grupo não desmereceu do conceito em que é tida. Mais uma vez se verificou a solidez da defesa, e o tributo esfor-



FUTEBOL

SEGUNDA DERROTA DO BARREIRENSE

CAMPEÃO ACTUAL, NA PROVA DA SEGUNDA DIVISÃO

GANHA interesse e entusiasmo, de jornada para jornada, este campeonato nacional da II Divisão, que trás empenhadas na conquista do título oitenta e duas equipas. A prova, com a média de mais de trinta encontros por «sida», continua a ser reñidamente disputada, o que é natural, sabido que a vitória abrirá novos horizontes ao clube que vier a suceder ao Barreirense, na lista dos campeões.

Vejamos as notas salientes da quinta cronda.

Grupo A
As vitórias do Vianense e do Visela e o primeiro ponto cedido pelo Académico constituíram os factos mais surpreendentes dos encontros do grupo A. Os vianenses empenharam-se com muito entusiasmo, e isso serviu-lhes para derrotar o Gil Vicente; o Visela merece parabéns, porque o seu vencido tem, incontestavelmente, mais categoria — o Sporting de Braga. O Famalicão continua a ganhar e tem já uma vantagem de três pontos sobre o segundo classificado da sua série.

O Ramsdens parece querer carrilar melhor, se bem que só desta vez tivesse obtido a sua segunda vitória, e o Coimbra continua a evidenciar regularidade.

O Académico merecia favoritismo contra o Leça, sobretudo porque jogava no seu campo; mas deixou-se surpreender, talvez traído pela excessiva confiança que os resultados dos encontros anteriores lhe deu.

O Leixões alcançou mais um «score» nítido, enquanto o Boavista deve ter estado em dificuldade contra o F. C. Arintos.

Grupo B
A expressiva vitória do União de Lamas sobre o S. C. Espinho, campeão da A. F. Aveiro, é uma das surpresas. Decididamente, os espinhenses comprometeram as suas aspirações com esta segunda derrota, ao mesmo tempo que o Lamas pode ter novas esperanças. A Sanjoanense não cede e o seu adversário de do-

mingo — Oliveirense — teima em ser difícil. A Ovarense e o Beira-Mar empataram, e o último lugar ficou ainda por decidir.

O Académico de Viseu viu-se em apuros perante o Bodiosense, e o S. L. Viseu, esse, então, foi batido pelo Vouseleense. Dois resultados que vêm complicar as coisas...

O único encontro entre equipas da Beira-Baixa, que colocou frente a frente o S. L. Covilhã e o S. L. Castelo Branco, terminou com um empate. Tudo a ajudar os «leões» da Serra...

O Laufício continua a impôr-se; até agora tem levado tudo de vencida — e de forma convincente.

Grupo C
Na série que inclui os grupos da A. F. Santarém, passou a haver um «leader» isolado. É o Ferroviários, do Entroncamento, que alcançou expressiva vitória sobre o Alcanenense. E o Operário Vilafranquense foi a Alverca para regressar com um empate — que não estava previsto.

O Unidos de Lisboa e o Fósforos continuam a ganhar aos menos categorizados, marcando sempre boa porção de «goals», mas deixando, também, que os adversários se adaptem na marcação. O Marvilense perdeu pela tangente com o Torresense. É natural...

Outro desafio teve desfecho contrário à maioria dos prognósticos: o que se efectuou no Montijo, entre os «steams» do Onze Unidos e do Barreirense e que demonstrou mais uma vez que os locais são «desmancha-prazeres». O Arrentale — último classificado da A. F. Setúbal — mais uma vez causou «amargos de boca». O Operário teve de se contentar com o empate.

O Estoril ganhou ao Casa Pia A. C., bastando dizer que alcançou o maior resultado da jornada.

O Amora obteve quarto empate tendo agora por adversário o Unidos do Barreiro. Porque o desafio foi na Amora, está tudo dito. O Seixal, em casa, não evitou que o Lusitano derrotasse. E o Chelas continua modesto, em contrapartida com o Gimnástico Clube do Sul, que está a dar boa conta do recado.

Grupo D
O Lusitano de Évora teve estroia auspiciosa, batendo folgadoamente o Extremos. O União de Beja continua invencível, embora não tenha podido sossegar em frente do Moura A. C.

E no Algarve tudo saiu ao contrário do que se pensava. O Sport Lisboa e Faro derrotou o Lusitano de Vila Real de Santo António e o Glória venceu o Louletano. Boas desforras do regional...

ZÉ DO PEÃO

Luta equilibrada na III Divisão da A. F. L.

TERMINOU no domingo último a primeira volta do campeonato da III Divisão da A. F. L., e, apesar de serem já decorridas sete jornadas, nada de positivo se pode afirmar, com vista ao desfecho da luta. O campeonato apresenta, este ano, características curiosas de equilíbrio de valores. Os resultados, por vezes, são desconcertantes: pelo que têm de sensacional e inesperados. As equipas — talvez por deficiência de preparação — são incapazes de nos oferecer exhibições regulares. Ganham hoje a um adversário perigoso, para ama-

perder deles, o bom como o mau. Ora, em certo momento, Conceição maguou-se, e isso, e a falta de poder de Alberto Gomes, de certa altura em diante, influíram grandemente na qualidade do futebol posto em Santa Cruz — que voltou novamente a animar-se. Como Lemos, um recurso a avançado-centro (está a desperdiçar-se um jogador excepcional), não tem poder físico para romper como os avançados tipo-cunha, tão do agrado dos espanhóis, está a ver-se como as coisas se passaram.

Evidentemente, a Académica triunfou sem sobressaltos, embora o «score» tenha apenas o desnível de uma bola. Dominou — quasi sempre. Mas sem aquêle brilho de jôgo que foi um encantamento de Santa Cruz.

O Vitória de Guimarães actuou também à base dos seus interiores, que projectavam jogadas de bom desenho, porventura falhos de eficiência, mas agradáveis à vista. A equipa rendeu o seu normal, portando-se bem na defesa e procurando não perder de vista o sentido do ataque.

Os números cantam...

A classificação geral não se alterou quanto à cabeça. A mesma palavra prossegue vitoriosa. Até quando? O Belenenses continua na boa posição — para dar o salto. O Benfica é que desceu, despedagando-se por assim dizer do lote

Acontecimentos da semana

AVIOMINIATURA — Inaugurou-se, no Clube Atlético de Campo de Ourique, uma exposição da especialidade, muito concorrida e animada.

CROSS-COUNTRY — Com vista aos próximos campeonatos da especialidade, Atlético, Benfica Sporting promoveram novas provas para sócios e simpatizantes.

O «cross» do Atlético, na distância de 3.000 metros, disputou-se nos terrenos que circundam a Tapadinha. Almeida da Silva foi o vencedor, seguido por Júlio de Almeida, João Galharas, João Gomes e Miguel Silva. A prova do Sporting (2.000 metros, nas circunvizinhanças do Lumiar) foi ganha por Manuel Valente, em 7 m. 4 s. Classificaram-se depois: Jaime Neves, 7 m. 9 s.; Lourenço Esteves, 8 m.; Marcelino Silva, Joaquim Gaspar, Manuel Pires e Renato Fernandes.

Na distância de 2.800 metros correu-se o «cross» do Benfica. Manuel Gomes ganhou em 8 m. 2 s., e a seguir: César de Jesus, 8 m. 4 s.; António Nunes, 8 m. 5 s.; António Borzinhos, m. t. Horácio Dias, 9 m.; Marques Baptista, Américo Nogueira, Mário Mendes, Cândido Alonso e Ernesto Martins.

FUTEBOL — Com interesse idêntico aos das jornadas anteriores, prosseguiu a disputa do campeonato nacional corporativo, zona de Lisboa.

Classificaram-se «quinta» verificaram-se os resultados seguintes: Fábrika Galvotas-Correios, Telégrafos e Telefones, 7-0; Empresa Nacional de Aparelhos Electricos-Companhias Retinidas Gás e Electricidade, 2-2; Fábrika Portugal-Levantamentos Aéreos, 3-0.

GOLFS — Disputou-se no Estoril um torneio de «match-play», dotado com a taça «Charles Wingfield». Classificaram-se finalistas: M.^{rs} Bajan, H. Dognat, E. Norton e português António Casanova. O vencedor, derrotando a sr.^a de Bajan, na final, por 6-5, venceu o torneio e conquistou o magnífico troféu em disputa.

Alvaro Cadinha ganhou a taça «Praia das Rosas», numa prova em Miramar, com Mariani Junior «HANDBALL». — Nas meias-finais do torneio do Vilanovense, o clube promotor da prova derrotou o Desportivo de Portugal, por 12-3, e o F. C. do Porto beat o Estrela e Vigorosa por 10-3.

Em Espinho, a Académica local recebeu a visita do Ferroviários de Campanhã, verificando-se o empate de 3-3.

HOCKEY EM CAMPO — O Boavista, derrotando o Leixões, por 2-0, isolou-se na vanguarda da classificação do campeonato português, com 16 pontos. Outros resultados das rondas: Ramaldense (campeão de 1943) L'Air Liquide; 1-0; Vilanovense Sport, 2-0; F. C. do Porto-Estrêla e Vigorosa, 1-1; Académica de Espinho-Gaia, 0-0.

(Conclui na página 15)

nhã virem a perder com um dos últimos classificados. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o Desportivo Operário, ao succumbir perante o Cascalheira.

O beneficiado foi o Olivais, que deu, assim, um precioso passo em frente com vista ao desejado título. O Palmense continua fazendo perigosa companhia aos melhores, mas sem, todavia, ocupar o póto ambicionado. A equipa parece, no entanto, acusar progressos, e tudo leva a crer que saia vencedora da crise que atravessa presentemente.

Digna de nota a posição do Cascalheira.

O Amadora, embora estreatre, tem dado boa conta de si.

O Arroios, inferior ao que seria licito esperar-se; e o Amoreiras, com fundadas esperanças de fugir ainda ao pósto da cauda.

Em reserava, Desportivo Operário e Palmense comandam as operações, perseguidos de perto pelo Arroios.

No núcleo de Cascais, o Paredo continua a ser senhor absoluto. Separa-o do segundo — o Cascais — boa diferença. O título parece, pois, sorrir ao Paredo, equipa aguerrida e entusiasta.

Cascais e Sintrense travam luta cerrada para o segundo lugar.

Em reserava, o Sintrense domina à vontade. A luta trava-se para o segundo lugar, com mais interesse, entre o Paço de Arcos, Paredo e Carcaveos.

gado que dá ao team o médio-centro, homem de larga experiência.

Uma equipa com personalidade (Belenenses). Outra entusiástica (Vitória de Setúbal)

Tôdas as deslocacões são difíceis. O Belenenses, por exemplo, em Setúbal, fez o suficiente, na primeira meia hora do encontro, para destruir esta afirmação.

Jogando em golpes de conjunto, bem delineados, e servidos pelas poderosas qualidades dos seus jogadores, alguns deles grandes artistas da bola, dominou com uma facilidade que deu a sensação de não haver quaisquer dificuldades para Belém no campo dos Arcos. Mas a primeira parte acabou 2 0, obra e graça de Franklím, e nos primeiros pontapés da 2.^a parte, o Vitória conseguiu uma bola. Tanto basta. A equipa cresceu, em condições de, num período de certa duração, pondo na luta vigor, entusiasmo e a mais bela energia, obrigando os lisboetas aos mais duros transes.

Depois, como tudo que não é cimentado em técnica ou pelo trabalho científico, o grupo abrandonou a sua fúria, característica do nosso futebol, e cedeu à reconhecida superioridade do Belenenses, em organização e em pleno domínio técnico. Quere dizer: exceptuando dois períodos, perfeitamente demarcados, o pensamento belenense mandou em campo, executando todos os lances com absoluta consciência, como é próprio de uma equipa de personalidade e já endurecida pela batalha. Bem precisava, de rest., dêsse endurecimento.

Coisa curiosa: cada sector belenense teve um ponto forte, um homem que lhe soube dar vida, impulsionando e projectando o jôgo: Simões, na defesa; Amaro, na linha medular; e José Pedro, na frente. O Vitória teve no guarda-rédes um bom elemento e em Montês o verdadeiro pilar defensivo.

Os «interiores» da Académica. E os de Guimarães

O desafio de Coimbra não teve emoção, mas foi curioso em vários aspectos. E principalmente como demonstração da alta função dos interiores no futebol moderno. A equipa de Coimbra começou francamente bem, dando uma idêta das suas possibilidades. Mas o grupo vive principalmente do cérebro e do esfôço dos seus magníficos interiores, e daí tudo de-



Nos jogos da 7ª Jornada
a esplendorosa vitória do Atlético
forneceu a nota de maior relevo

ATLÉTICO — BENFICA: 1 — André Jorge lançou-se, mas Baptista chegou primeiro que o seu guarda-redes, não permitindo a entrada do sempre esforçado Teixeira; 2 — Um remate de Jesus bate toda a defesa «encarna» — mas sai a centímetros do poste... 3 — Teixeira ganha na luta com Ventura; 4 — Como Atlético marcou o seu 2.º ponto, a um minuto do intervalo! BELENENSES — VITÓRIA (S.): José Pedromina um lote de adversários; 6 — Um pormenor da energia posta por



vezes na luta pelos avançados de Setúbal. SPORTING — F. C. PORTO: 7 — Vêdo, embora apertado pelos adversários, defende com a habitual segurança; 8 — Uma perigosa avançada do Sporting, conduzida por Mourão; 9 — Barrigana, figura saliente no «team» norte — que o público sportinguista aplaudiu carinhosamente, executa uma esplêndida defesa.



EM PROL DA NATAÇÃO

A construção da piscina é uma idéia em marcha

— afirmou o director do Palácio de Cristal

VOLTA a agitar-se a necessidade da construção de uma piscina na cidade do Porto.

Há dias, a imprensa diária, focando uma notícia destacada da sessão da edilidade nortenha, deu a público a informação de que o município ia, finalmente, dar satisfação aos desejos dos desportistas e do público, fazendo construir uma piscina dentro do amplo recinto do Palácio de Cristal, para o que aproveitará a configuração do terreno que magina, a oeste, a avenida das Tilias, numa lomba existente no bosque.

Essa informação era, porém, dada sob reserva, quer dizer, a construção da piscina dependia do auxílio do Estado, por a Câmara não poder arcar com as despesas totais. É, por consequência, condição essencial a comparticipação dos poderes centrais.

Tanto bastou para que os descrentes, aquêles que tudo vêem através dos óculos fumados do pessimismo, viessem dizer para os «cafés» e outros centros de reunião de desportistas, que a piscina era um mito, um sonho com que todos andávamos adormecidos...

Há dias, encontramos-nos na «Brasileira» — na parte intelectual... — com o nosso colega sr. António Pinto Machado, que, como director do Palácio de Cristal — a nossa sala de visitas, como foi acolimado — tem feito obra valiosa, dentro do que lhe é permitido pelos orçamentos e pelas disponibilidades financeiras.

Abordámo-lo sobre o problema da piscina e, logo às primeiras palavras, notámos o franco optimismo do nosso entrevistado.

— Sim, a piscina deve ser uma realidade. Pôsto é que todos compreendam a sua necessidade! Por parte da Câmara há a melhor das vontades em dar à cidade uma coisa que lhe faz falta e cuja inexistência se não compreende.

— Mas diz-se que tudo está condicionado ao auxílio do Estado, factor indispensável na sua construção — comentámos.

— Claro que para se fazer a piscina, tal como a nossa está planeada, o município não tem posses. A comparticipação do Estado é imprescindível. Haveria talvez um meio de dar satisfação momentânea aos desportistas...

— Como?

— Fazendo a construção do tanque e deixando para depois as cabinas — e o resto.

— É uma ideia aproveitável — insinuámos.

— Não acha? Fariamos uma espécie de praia artificial, com abarracamentos de lona, para já, até que depois, um pouco mais tarde, com a ajuda do Estado, o projecto entrasse em execução completa. Certamente, isto seria assim se a comparticipação demorasse...

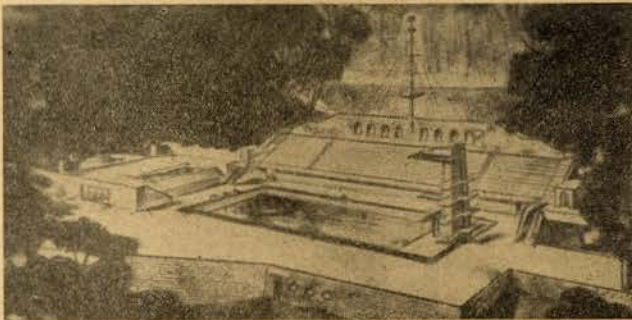
— Por quê se abandonou a ideia da construção de uma piscina aproveitando o lago existente?

— Contrariar esse projecto ontem, hoje... e fá-lo-ei no futuro!... O lago é parte integrante do parque, faz parte do seu todo. Construir ali a piscina seria destruir todo o panorama que se disfruta, desmorrar a gruta, retirar os barcos, prejudicar ou eliminar os fogos aquáticos por ocasião das festas da cidade, uma multidão de coisas, em suma, que deter-

minam a manutenção do que está — ou fazer melhor, se fôr possível. Depois, havia ainda o problema da água...

— ...água do próprio Palácio? — interrogámos.

— Sim, água do Palácio, que naquele local



O projecto da piscina a construir nos jardins do Palácio de Cristal

não daria o «ponto» suficiente, o que já não sucede no sítio para onde levamos a construção da piscina. Ali tudo é esplendoroso. Até a arárgem que por vezes se sente nas avenidas do Palácio não se nota onde deve ficar a futura piscina.

A questão da possibilidade da não realização desta magnífica ideia preocupava-nos. E voltámos a insistir:

— Mas a piscina será uma realidade dentro em breve?

— Isso é mais com os senhores jornalistas e com os praticantes da nataçào do que comigo... — rematou a sorrir.

E continuou:

— E preciso, aqui para nós, que vocês não deixem arrefecer o entusiasmo... É necessário agitar o problema, fazer interessar nele toda a cidade, em especial os clubes que se dedicam à propagação e prática da nataçào!

Tem o nosso entrevistado muita razão. Há que agir, vencer o marasmo que pode mais uma vez prejudicar a efectivação desta obra indispensável à cidade. Compreendemos e louvamos o seu pensamento. Mas passamos a outro aspecto do problema:

— Como vai ser explorada a piscina?

— É cedo demais para se falar nesse pormenor. No entanto, lá vai a minha opinião pessoal — que a do funcionário não pode ser outra que não seja a da Câmara. Explico: em meu entender — friso bem: em meu entender — a piscina deveria ser confiada à direcção técnica de um clube. Entregar a sua gerência técnica a uma individualidade seria, a meu ver, um erro. E digo isto porque penso que a piscina deve ser para desportistas e não para toda a gente. É preciso seleccionar a sua frequência, criando um preço especial para os visitantes e outro para os praticantes. De outra maneira, cair-nos-ia lá a Ribeira em peso...

— De acôrdo!

— Não se pretende uma piscina olímpica, mas sim uma piscina onde, em água limpa, se possa praticar a nataçào. Mesmo porque, creio, a construção desta piscina no Palácio não exclui a instalação de outra qualquer, com objectivo diferente.

— Falava-se em exclusivo — atalhámos.

— Não julgo isso. As minhas informações não me deixam admitir essa possibilidade.

— Está, portanto, convencido de que a cons-

Notas & Comentários

O Progresso ganhou brilhantemente o campeonato regional da 3.ª divisão. De facto, concluir um torneio como vencedor absoluto, sem consentir sequer um empate — colleccionou 12 vitórias em outros tantos jogos — e obter o impressionante «goal-average» de 77 bolas contra 11, é proeza digna de menção.

O Progresso, que já foi um grupo de valor da 1.ª divisão portuense, mais tarde relegado para a 2.ª e desta para a 3.ª, por manifesta infelicidade, merecia ser mais bem tratado pela adversidade. Foi o clube possuidor do melhor terreno de jogos depois do Estádio do Lima, onde se disputaram até encontros internacionais — era o recurso do F. C. P. para os jogos grandes, tal como agora o é do Lima — lá baquearam muitas esperanças e nelle os «maiores» de Lisboa conheceram severas derrotas, nos tempos do campeonato das Ligas.

Poderá, um dia, voltar ao seu antigo lugar? A esperança não afrouxa e os «verdes-brancos» podem ainda dar que falar, um dia...

*

O «handball» portuense, enquanto não principia o campeonato regional, anda entretido com o «Torneio Início», para disputa das taças «Ferras Carneiro», o grande animador do Vilanovense, e «Alexandre Barros», nosso colega e dirigente muito conhecido, e em cuja competição entram o F. C. Porto, Estréla e Vigorosa, Vilanovense e Desportivo de Portugal. A uma jornada do final, o Estréla segue à cabeça com a diferença de dois pontos do F. C. Porto e do Vilanovense. Para animar, o torneio tem servido maravilhosamente.

*

PROSSEGUE com regular animação o campeonato regional de «hockey» em campo, em cuja disputa entram 11 clubes.

A frente da pontuação segue o Boavista, com 15 pontos, mais 3 do que o Académico e o Ramaldense. Entretanto, é cedo ainda para indicar o vencedor, podendo, pois, esperar-se a recuperação do campeão da época finda — o Ramaldense.

*

DENTRO de algum tempo deve iniciar-se a disputa de dois torneios promovidos pela A. F. Porto, para os 1.ºs grupos da 3.ª divisão e 2.ºs da 1.ª, e reservas dos clubes concorrentes às 1.ª e 2.ª divisões nacionais. No primeiro, o vencedor ficará de posse da taça «Augusto Ferreira (Simplicio)», e no segundo da taça «António da Costa Mascarenhas Juniors».

Preteende-se, assim, homenagear a memória de dois desportistas que deram ao futebol o melhor do seu esforço, e, ao mesmo tempo, impedir que os grupos, agora sem competição, entrem em inatividade forçada.

Outra bellissima ideia da A. F. Porto!

*

A questão dos «livre-trânsitos» da Imprensa, tal como está, não resolve ainda o problema. As dificuldades aumentaram para os jornais da provincia, em vários aspectos. Na próxima época é preciso que a Federação de Futebol estude este importante assunto.

A modalidade posta agora em prática não resolveu o caso, a nosso ver, mas sim o complicou. No entanto, é aos jornalistas que cumpre informar a F. P. F. do processo de o solucionar, porque, por muita boa vontade que haja, só desta maneira será possível atingir formula cabalmente satisfatória.

Fala-se numa alteração profunda e radical no processo de classificação dos que «escrevem, desportivamente, para os jornais». Seria oiro sobre azul, desde que todos os interesses fossem devidamente acautelados.

Se é como se diz, serve — e satisfaz!

trução da piscina dará plena satisfação à cidade?

— S. m. Estou. De resto, o futuro di-lo-á... E com esta esperançosa afirmação nos separámos.

MÁRIO AFONSO

RECEBEMOS do sr. capitão Carlos de Campos Andrada, ilustre Mestre de Armas e Inspector de Esgrima da M. P., a carta que nos permitimos transcrever:

Sr. redactor — O director interino dos Serviços de Educação Física e Desportos da «Mocidade Portuguesa», ao regressar à efectividade de Inspector de Esgrima e entregar, muito gostosamente, nas mãos do efectivo director, o cargo que lhe foi cometido durante dois anos e meio, não pode deixar de manifestar o seu reconhecimento à revista «Stadium» pelas criticas e úteis reportagens feitas sobre a esgrima e, muito especialmente, no que se refere ao Centro de Esgrima da «Mocidade Portuguesa», sempre tão carinhosamente tratado.

Nunca nenhum outro jornal desportivo nem revista da «especialidade fez pela Esgrima na «Mocidade Portuguesa» o que tem feito a revista «Stadium».

Tudo quanto possa dizer é pouco para os merecidos louvores que desejava apresentar, e, com o meu feito mais propenso a obras do que a palavras, permito-me que num sincero e afectuoso «muito obrigados» eu concretize o sincero reconhecimento pela obra realizada em prol de um desporto que, entre todos, merece o maior carinho e para o progresso do qual tenho dado o melhor que posso das minhas fracas qualidades, compensadas pela dedicação com que tenho trabalhado.

Pego-lhe que transmita ao ilustre director da sua revista a expressão sincera da minha muita gratidão, porque, se a V. tem cometido a difícil missão de realizar tão importante obra a bem de um desporto que nunca deveria baixar de nível em Portugal, só com o inteligente apoio do seu director essa obra tem sido possível.

O Centro de Esgrima da M. P., onde agora permanecerei mais frequentemente, continua a ter o maior prazer em receber a sua visita — e sei que interpreto o sentir de todos os rapazes enviando-lhe, num afectuoso abraço, a gratidão dos Mestres e discípulos.

A minha já é de longa data e mais uma vez me cabe reconhecer e agradecer a sua boa vontade. Com um afectuoso abraço, creia-me, etc. — Carlos de Campos Andrada.

O sr. capitão Campos de Andrada, mercê do seu nobilíssimo carácter e elevado espírito de desportista — tão bastas vezes afirmado no país e no estrangeiro com a elevação própria da sua reconhecida competência de praticante e Mestre distinto que é — exagera, levado pela sua sã amizade, os modestos serviços que temos tentado prestar à causa da esgrima e a propaganda que procuramos fazer do trabalho dessa bela organização, que é a «Mocidade Portuguesa». Não tem que agradecer o nosso querido amigo: «Stadium» está sempre decididamente colocada ao lado da pura ideia do desporto — e tem enorme prazer em apontar e sublinhar o mérito onde quer que ele se encontre.

Não costumamos tornar públicos os agradecimentos dirigidos à nossa redacção. Desta vez, porém, pelo justificado prestígio de quem no-los endereça, não podemos deixar de registar desvanecidamente as boas palavras que o sr. capitão Campos de Andrada nos enviou, com a sua tradicional amabilidade. Servir-nos-ão de incentivo para prosseguir no nosso caminho, posto que os seus aplausos indicam que pisamos trilho honesto e reconhecem que procuramos bem servir. Por isso nos cabe, por nossa vez, deixar aqui o tão grato e português «muito obrigados»!

GIMNÁSIO CLUBE FIGUEIRENSE

Esta antiga e prestigiosa colectividade desportiva acaba de comemorar, com um vasto programa de festas, na qual sobressaíram competições em diversas modalidades, o seu 49.º aniversário. Com os nossos melhores cumprimentos de felicitações, fazemos sinceros votos para que no novo ano continui a registar o mesmo ritmo de progresso que tem envolvido o activo e popular clube figueirense.

PARA se ajuizar com justiça do comportamento dos ciclistas durante uma temporada de provas, nada há melhor que a classificação por pontos. Tal processo traduz a real classe dos corredores e demonstra o mérito relativo verificado em cada atleta. É certo que com semelhante método tem de se atentar, para não falsear a verdade, a determinados factores: desistências forçadas, não participação em todas as corridas, etc. O inconveniente suprime-se, porém, elaborando um simples quociente de classificação, infalível para demonstrar que o comportamento foi tanto mais valioso quanto mais elevado é o referido quociente.

Adoptamos este sistema há uma dúzia de anos e estamos convencidos de que obtemos conclusões exactas e não somos injustos para ninguém. Voltamos agora a seguir tal fórmula, que mostrará quem «andou» e obteve bons resultados e quem, por motivo de uma época menos feliz, foi ultrapassado por companheiros eventualmente inferiores em qualidades atléticas — mas que souberam «querer» com maior perseverança.

Francisco Inácio, o homem persistente

Consultando o mapa que publicamos verificamos que se Aristides Martins foi o melhor classificado do conjunto de todas as corridas, depois de ter sido segundo no período inicial, só ultrapassado por João Rebêlo, foi afinal outro sportinguista — Francisco Inácio — que conseguiu o terceiro lugar da classificação geral, embora se mantivesse em quarto até à prova do Estoril. Quere dizer: foi mercê das duas vitórias conquistadas na Mealhada e em Sangalhos que trepou ao terceiro posto. Essas vitórias obteve-as, é certo, sem ter a seu lado os homens que o relegaram para os postos secundários nas primeiras corridas, com excepção de Rebêlo. No entanto, não há dúvida de que Inácio melhorou atleticamente para o fim da época, mostrando mais uma vez que não «desarma» com facilidade.

Raposo, Lourenço e Martins — um trio de valores iguais

Apesar de ter principiado mal, quasi sem preparação, porque a descuidado, só tomando a sério os treinos pouco antes do campeonato nacional, Alberto Raposo conseguiu, mercê das raras condições atléticas que reúne, ser ainda o terceiro classificado no primeiro período de corridas. É que Raposo participou em todas as provas e em nenhuma delas desistiu.

Daí o ter totalizado 43 pontos — os mesmos com que terminou a temporada, pois desde que regressou de Espanha não voltou a correr em estrada. Este facto relegou-o para a sexta classificação, no fim da época, mas isto não obsta a que tivesse sido o mais regular depois de Rebêlo e Aristides.

Com José Martins, os papéis inverteram-se. Até ao Circuito do Estoril estava em quinto; com o 2.º lugar em Espinho fixou-se em quarto, (classificação que lhe foi refutada mas que alcançou com absoluta regularidade e justiça no final do ano).

Quanto a João Lourenço, a época de corridas em estrada não lhe foi próspera em 1943. Mal preparado na prova de abertura, reabilitou-se depois no Circuito de Lisboa e nos 100 quilómetros clássicos, corridas em que teve apenas o mérito de «trabalhar» os adversários para vencer. Mas depois, até ao Circuito de Espinho, onde ganhou com merecimento, a sua acção em estrada não teve o brilho atingido em 1942 ou 1941. Daí o ter somado apenas 35 pontos em luta com todos e fechar a época apenas em 5.º lugar, com 45 pontos.

Remiu-se, e bem, o popular sportinguista do mediocre comportamento em estrada com a exibição meritória nas pistas de Espanha e do país — o mesmo que sucedeu ao seu leal adversário e amigo Eduard Lopes e aos estradistas Raposo e Martins. Mas isto será objecto de análise noutra artigo...

Vejam, por hoje, como se portaram os restantes homens da estrada.

Os outros corredores

Verificou-se acentuada melhoria no sintrense António Jacinto, o homem que maior número de provas disputou e concluiu depois de Aristides e Jacinto; houve uma excelente corrida do simpático Bartolomeu, nos 100 contra relógio; viu-se um princípio de época promissor para Albuquerque; e assistiu-se à surpreendente vitória de José Ferreira, no Circuito da Curia, embora obtida em luta só com alguns elementos do Porto e de Sangalhos, mas que não devemos deixar de assinalar por ser o seu primeiro triunfo como corredor independente.

Por último, há que fixar que Eduardo Lopes teve em 1943 a sua mais irregular época de corridas — por perda de facilidades, pois obteve dois nitidos primeiros prémios, mas por factos ligados a faltas momentâneas de saúde — e também a algumas «indisposições» de espírito...

Mapa da classificação dos corredores independentes na época de 1943

	50 kms. clássicos	Circuito de Lisboa	100 kms. clássicos	100 kms. contra-relógio	176 kms.	Campeonato Nacional	Circuito do Estoril	Circuito da Balrada	Circuito da Mealhada	Circuito de Espinho	PONTOS
Aristides Martins	4	3	3	4	8	3	5	2	4	4	70
Francisco Inácio	7	5	4	6	3	4	D	1	1	3	67
João Rebêlo	3	6	5	1	1	1	4	3	8	F	67
José Martins	2	9	2	3	2	D	F	F	F	F	46
João Lourenço	8	1	1	7	F	D	3	F	F	F	45
A. Raposo	6	2	9	8	5	2	2	F	F	F	43
A. Jacinto	5	4	6	5	7	7	8	4	6	F	42
A. Bartolomeu	F	10	8	2	9	8	7	8	F	F	25
J. Albuquerque	F	8	7	F	4	6	F	F	F	F	23
Eduardo Lopes	1	D	F	D	F	F	1	F	F	F	20

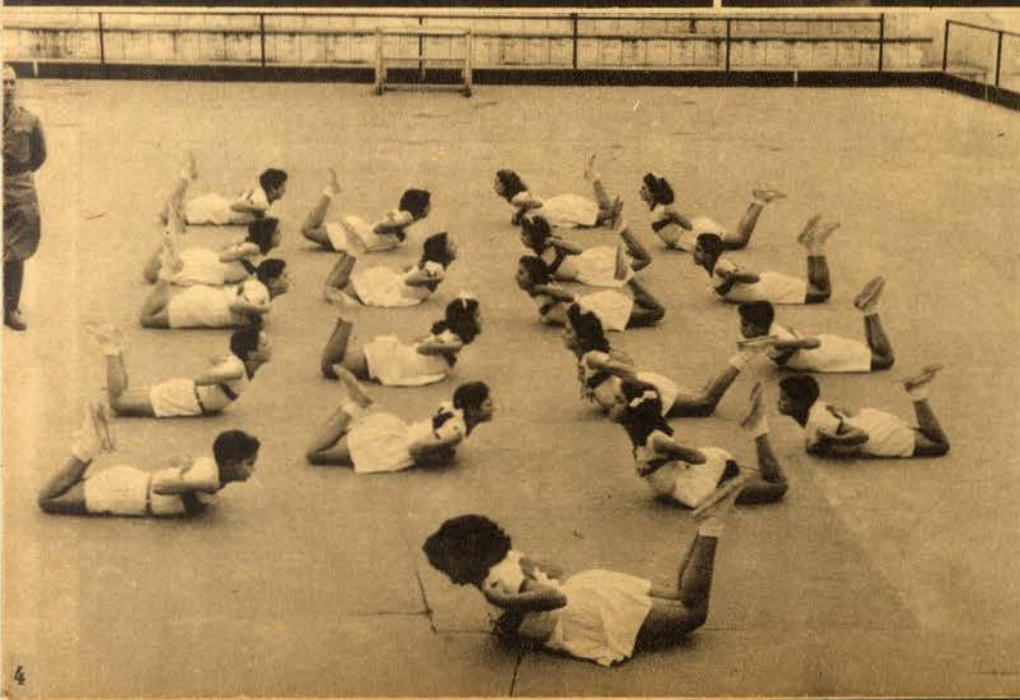
A pontuação é atribuída na proporção de 10 pontos ao 1.º, 9 ao 2.º, e assim sucessivamente. Os números referem-se aos lugares obtidos pelos corredores nas diversas provas. As letras D e F designam desistências e faltas. Exclui-se o Circuito da Curia por nele não terem participado os estradistas dos clubes da capital.



**A visita do
Sr. Director Geral
dos Desportos
ao
Clube Atletico
de CAMPO de OURIQUE**

1 — Os desportistas do C. A. Campo de Ourique saúdam o sr. tenente-coronel Salvação Barreto no momento da sua chegada à sede do clube; 2 — Seguindo com interesse as evoluções de uma graciosa patinadora; 3 — A entrega da placa de prata em que foi gravada a homenagem da simpática colectividade ao Director Geral do Desporto; 4 — A exibição de uma das classes de ginástica; 5 — O sr. tenente-coronel Salvação Barreto deixa o seu autógravo no "Livro de Honra" do clube.

(fotos Nunes d'Almeida)



QUINA BAPTISTA

— expressão de alegria, mocidade e saúde

LONGE vai o tempo, felizmente, em que a rapariga portuguesa tinha horror à vida ao ar livre, passando as horas de ócio metida em casa, no conchêgo do lar, ora bordando ou entretendo seus lazeres em coisas futeis, ora vivendo a vida sedentária de menina caseira, de «gata borralheira»... Hoje, a rapariga faz uma vida sã, mexida, saindo de casa para o campo ou para o ginásio, para o estádio ou para a piscina — em suma, entretendo-se e cultivando-se fisicamente, mercê da actividade dos músculos, e procurando desenvolver-se através das práticas desportivas. Que nem todas lhe quadram, é certo. Mas muitas podem a mulher cultivar com prazer e benefício!

E seja no desporto, nas artes ou em qualquer outro ramo de actividade, a mulher tem hoje lugar marcado, caminhando a par com o homem — e às vezes superando-o em algumas funções da vida. Este triunfo feminino constitui até o maior orgulho do homem, porque abre horizontes novos e permite-lhe encontrar a companheira ideal de todos os dias, a camarada que o siga e acompanhe em quaisquer passos que pretenda empreender.

Quina Baptista, uma pequena do Lisgás, desportista desde verdes anos — tem apenas 17, bem poucos... — pode entrar, sem desdouro, no já hoje grande exército do desporto feminino português; é que Joaquina Alice de Verdu Baptista dedica-se ao desporto com fervor e entusiasmo que não cansam, praticando-o apenas porque lhe interessa, como divertimento salutar e agradável. Escolheu um dia um clube — era ainda pequena e seu pai, sócio do clube da rua da Boavista, gostava que ela fosse de lá... — e nunca mais quis outro! Bem a têm «sondado», pretendendo que, nas suas exhibições de patinagem, em que é exímia, represente outras colectividades... Mas a Quina, fiel a um compromisso, não abandona os seus amigos! E bons amigos tem em todos os desportistas do Lisgás — e bem merece essa amizade.

Tinha treze anos incompletos quando apareceu uma tarde no «rink» de Pinto Esteves, à Avenida de 24 de Julho. Duas garotas «ensaiavam» os primeiros passos em patinagem com patins de rodas: uma era Quina Baptista, a outra Mimi Alcobia, a «Mimi da Rádio», que mais tarde haveria de distinguir-se em canções e sambas, nas estações amadoras de radiodifusão e até no teatro litgel. Seguiram treino aturado, com vontade sempre pronta, e um dia exibiram-se publicamente. Foi um êxito! Mas a Mimi abandonava — saturando-se depressa e deixando caminho livre à companheira — enquanto a Quina mais e mais se entusiasma; sózinha, trabalhou com afincado e entusiasmo, perseverando tanto que conquistou lugar de relevo ao lado de outras patinadoras, como Ivone Torres, Maria Helena de Sá, Aldina de Montargil, Zita Alcobia e as pequenitas — como ela — Gina Campos, Maria Helena e Ercília Gil! De triunfo em triunfo, a sua carreira tornou-se brilhante, ao ponto de ser solicitada para todas as festas do género: em Lisboa e na provincia, em Parede, Cascais, Amadora, Almada, Oeiras, Barreiro, Sintra, Paço de Arcos, Carcavelos...



Mas Quina Baptista — uma graciosa pequena, de sorriso sempre aberto e a paízar à flor dos lábios, encantadora e simpática — não se dedica sómente à patinagem, seja embora este o desporto de que mais gosta. Também pratica natação e ciclismo, «basketball» e «hockey», apenas como entretenimento, claro, sendo a ginástica como base fundamental da sua preparação física.

Gosta de patinar — mas também não despende uma boa sessão de cinema, especialmente quando se trate de uma fita «forte», de grande intensão dramática, nem desgosta de ver um bom desafio de futebol ou de «boxing»... Em suma: as emoções sérias e graves interessam-lhe sobremodo! Gosta de rir e de folgar — é uma pequena de já despreocupadas primaveras... — mas também encara a vida a sério.

O desporto, por enquanto, é um derivativo. Para o resto, lá estão os estudos e o curso em vista. Não pensa em competições — praticar o desporto é-lhe agradável e fá-lo por divertimento e necessidade, para cuidar do aperfeiçoamento do seu físico — pois mais tarde virão as competições duras da vida, no dia-a-dia que todos nós hemos de enfrentar corajosamente.

Entretanto, sempre solicitada e sempre figurando com aprazimento, vai animando as reuniões de patinagem artística, ao lado de um grupo, reduzido, é certo, de gentis e galantes meninas, que com sua graciosidade, juventude, desenvoltura e elegância, aparecem a dar brilho ao pouco que entre nós se faz — e podia ser muito, realmente, se houvesse quem se interessasse por um dos mais belos desportos de exhibição que se conhecem: a patinagem sobre rodas.

Jorge Monteiro

O SEGUNDO CAMPEONATO UNIVERSITÁRIO

«O SÉCULO»

vai ser disputado por nove escolas

A actividade do «volleyball» tem tardado a recomençar na organização associativa. Soaram boatos de torneios diversos antes do fim do ano, para encerramento ainda da época de 1943 mas nenhum projecto foi por diante, perdendo-se as magníficas ocasiões destas manhãs de inverno soalheiro.

Enquanto os dirigentes clubistas se conservam, assim à espera de melhor inspiração, a modalidade vai movimentar-se com a disputa do segundo campeonato universitário, cuja inauguração se anuncia para segunda-feira próxima 17 de Janeiro, promovido por iniciativa do Centro respectivo da «Mocidade Portuguesa».

A prova teve no ano passado duas edições, ambas coroadas de êxito: a primeira, considerada simples torneio, foi a mais importante pela afluência e classe dos concorrentes e terminou com a vitória do Instituto Superior Técnico, cujo adversário, no jôgo derradeiro, foi a Escola Naval; a segunda, organizada pela A. V. L., com o título em jôgo, foi ganha pelo I. N. E. F., mas não pôde contar com os mais fortes agrupamentos em virtude do adiantado do ano escolar.

A competição deste ano reuniu nove inscrições: Agronomia, I. N. Educação Física, Vete-

rinária, Belas Artes, Económicas e Financeiras, I. S. Técnico, F. Ciências, Medicina e Direito.

O regulamento estabelece uma «poule» em série única e numa só volta, com programas de três encontros às segundas, quartas e sextas-feiras, a partir das 21,15 horas, e aos domingos, a partir das 9,15 horas.

Tôdas as sessões se celebram no excelente gymnásio do Instituto Superior Técnico e a entrada é livre para a galeria circundante, não sendo arrojado prever assistência numerosa e entusiástica.

A mocidade académica inclui a grande maioria dos nossos melhores jogadores de «volley» e algumas equipa, como o Técnico, o I. N. E. F. e Ciências, merecem ser consideradas iguais aos mais fortes agrupamentos clubistas; o primeiro é, aliás, o permanente e indiscutido campeão de Lisboa. Por essa circunstância, os encontros entre grupos escolares equivale, em valor técnico, às melhores lutas dos torneios clubistas, decorrendo em regra num ambiente de animação, que êstes raríssimas vezes conseguem conquistar.

Embora se não possa fazer juízo definitivo sobre a classe dos participantes ao campeonato antes das primeiras exhibições, a maior rivalidade vai travar-se entre o Técnico e o I. N. E. F., cujo encontro o sorteio determinou para a quarta-feira 26 de Janeiro, e de antemão se afigura ser a verdadeira final de apuramento.

Não queremos deixar sem realce a circunstância de ser êste campeonato integralmente organizado e dirigido por elementos académicos, estranhos aos organismos federativos, e ainda de ser a primeira manifestação da série de competições desportivas que o Centro Universitário da «Mocidade Portuguesa» se propõe levar a efeito, incluindo «basketball», futebol, atletismo e natação. Verdadeiros Jogos Universitários — a que estará destinado o maior êxito se houver, como felizmente parece assegurado, escrúpulo na organização, disciplina e competência técnica das pessoas chamadas a dirigir jogos e certames.

Mais interessante ainda seria que se procedesse a idênticas competições no Porto e em Coimbra, para apuramento de representantes dos três Centros Universitários, a reunir, numa

«Século», nosso presado colega, a que nos ligam bons laços de camaradagem, completou sessenta e três anos de existência. «O Século» é, entre os grandes diários portugueses, um dos que mais tem trabalhado pelo desporto. Têm sido inúmeras e de grande amplitude as suas iniciativas — e editou um dos primeiros semanários da especialidade, «Os Sports Ilustrados», de que foi director o dr. José Pontes, ilustre jornalista e presidente do «Comité» Olímpico Português.

Ao brilhante periódico, os parabéns mais efusivos, com desejos de largas prosperidades.

A marcada derrota de Jack Pestana por K. O.

(Conclusão da pág. 4)

no péso (60 kg), não o são na plástica — e o vigor de um contrasta com a firmeza de linhas do outro.

Foi um combate cheio de peripécias. Pestana esgrimiu com a esquerda e procurou defender-se. O poder do punho direito de Silva evidenciou-se em golpes ao tronco, que fizeram recuar o adversário. Poucos segundos antes do final do 1.º assalto, Silva colheu o maxilar de Jack Pestana e derrubou-o. O sinal do timbre pôs termo ao assalto — mas o desfecho era evidente.

No 2.º assalto, a esquerda e o jogo de pernas da Pestana estiveram activos, neutralizando as poucas tentativas de Silva e marcando alguns pontos. No round seguinte o futuro vencedor forçou o andamento e batalhou. Um soco esquerdo no queixo atirou Pestana de novo ao zolo, seguindo-se mais quatro quedas, tôdas elas produzidas por golpes limpos e irresistíveis. Quando a sua inferioridade já não oferecia dúvidas, Pestana desistiu, aliás muito a tempo.

António Silva deixou-nos impressão bastante boa. Auguramos um encontro fértil de emoções com Miguel França, não só pelo poder do seu golpe, pontaria e velocidade, como pelo instinto combativo que revelou neste combate contra Pestana.

As arbitagens, facilitadas pelos acontecimentos, sem reparos especiais.

S. F. ALUNOS DE APOLO

Esta activa colectividade de recreio e desporto promoveu no dia de Natal mais uma das suas organizações de carácter beneficente, distribuindo um bôdo aos pobres. Agradecemos reconhecimentos as duas senhas que teve a gentileza de enviar com destino aos necessitados nossos protegidos.

jornada de carácter nacional, em qualquer das cidades que melhores condições oferecesse.

Pela nossa parte daremos a semelhante empreendimento o máximo apoio de propaganda e interesse — que a sua importância e alcance educativo justificam plenamente.

JOSÉ DE EÇA

BIBLIOGRAFIA DESPORTIVA

Futebol — Divulgação das suas leis

O novo e interessante livro de RIBEIRO DOS REIS

A reduzida bibliografia portuguesa do desporto tem neste livro de António Ribeiro dos Reis mais um trabalho de valor. O novo volume, dedicado especialmente à divulgação das leis que regulam um dos desportos mais completos como jôgo de equipa, tem, no que respeita à divulgação e interpretação das regras do futebol, uma utilidade que é dever nosso pôr em relevo. Trata-se, pois, de um trabalho de grande valor — e de flagrante actualidade.

António Ribeiro dos Reis tem, como técnico de futebol, lugar brilhantemente afirmado — na imprensa, no livro e no trabalho silencioso e reflectido dos gabinetes. Jogou o futebol como aluno do Liceu de Pedro Nunes e como representante do Sport Lisboa e Benfica. Foi internacional. E interpretou as leis do jôgo, quasi desde os primeiros tempos de jogador, como crítico. Foi mesmo o primeiro jogador-critico do popular desporto. Começou cedo a analisar, interpretar e discutir as regras do jôgo da bola, criando gosto por esse trabalho e acumulando material de exemplificação e interpretação que é a base do novo livro.

Nas suas linhas gerais, podemos resumir o belo trabalho de Ribeiro dos Reis como a narração comentada de tôdas as leis. Divide-se em quatro capítulos — qualidades indispensáveis para se ser árbitro; leis e decisões officiais; esclarecimentos técnicos sobre questões fundamentais; e questionários para árbitros acerca de tôdas as leis do jôgo. Inclui gráficos e exemplos que servem para interpretar justamente algumas das leis, dentro do espirito que as determinaram.

Assim, o livro do nosso distinto camarada de imprensa, notável como trabalho de compilação e documentação, destina-se a uma função altamente meritória — divulgar as regras do futebol por forma a facilitar a sua consulta e interpretação.

O prefácio é subscrito pelo árbitro espanhol Pedro Escarín, bom amigo de tudo quanto é português, membro da «International Board» e autor de um trabalho de características idênticas à da obra a que nos estamos referindo.

A António Ribeiro dos Reis, com um afectuoso abraço de boa camaradagem por mais êste triunfo, apresentamos os nosos desejos de amplo êxito para «Futebol — Divulgação das suas leis».

ATLETISMO

Para entreter, enquanto as pistas descançam

(Conclusão da pág. 3)

O treinador federal francês Baquet afirma haver verificado, em alunos seus, um progresso de vinte a trinta centímetros no alcance do salto apenas pela execução da chamada rodada (chamêmos-lhe assim, à falta de melhor).

3.º — Para saltar longe é preciso saltar alto; também faz parte das preocupações de todos os especialistas do comprimento o aumento da elevação do corpo lançado para o salto; todos conhecem uns tantos exercícios tendentes a aumentar o ângulo de impulso, mas raros serão (nunca conhecemos um só que o fizesse) aqueles que o aplicam nas suas sessões de treino. O saltador em comprimento deve praticar o salto em altura durante a sua preparação, mas é inútil que o faça usando os estilos modernos de rolamento ou golpe de tesoura; o estilo que lhe serve é o engrupado com corrida facial (Fig. 3), embora assim transponha menor altura do que de outra maneira.

4.º — Em igualdade de classe, a vitória compensa o saltador que melhor sabe cair: a posição de queda é engrupada corpo flectido em ângulo agudo só-

bre as pernas atiradas adiante; ganha-se assim meio metro sobre a trajectória verdadeira do centro de gravidade. Conhecimento elementar, sabido em teoria mas mal aplicado na prática.

No fim do salto, o atleta vem aterrar com as pernas estendidas adiante; tronco flectido sobre as pernas e braços lançados à rectaguarda por baixo; o centro de gravidade está bastante recuado em relação ao ponto de contacto dos pés e por isso muita vez o saltador inexperiente cai sentado atrás dos pés, perdendo preciosos centímetros. A de-locação do centro de gravidade para a frente faz-se, aproveitando o resto de velocidade de translação, oscilando os braços estendidos de trás para diante, ao mesmo tempo que os joelhos flectem e descaem além dos pés (Fig. 4).



FIG. 4

Ainda a visita do Carnide

O **S**campeões do «basket-ball», com o seu título máximo arrancado ao Vasco da Gama num jogo que deixou lugar na história, vieram ao Pórtio efectuar três jogos: com o Vasco, com o Guifões e com o F. C. Pórtio — assim por esta ordem, que foi a das exhibições.

Os caridenses haviam deixado por cá a melhor das impressões e, claro, os apaixonados do «basket-ball» — que na Cidade Invicta se contam por milhares — não perderam nenhum dos jogos disputados intra-muros. Por isso o campo do Fluvial regorçou de espectadores — muito embora o preço fosse escaldante...

Técnicamente, os jogos desenvolvidos pelo Carnide agradaram. Se bem que tenham sofrido uma derrota no torneio — após a realização de três jornadas seguidas, qual delas a mais estorçada — o valor e o merecimento do seu título de campeões não ficou diminuído.

O Carnide defrontou todas diferentes na construção técnica das jogadas. Se o Vasco da Gama se exhibe com mais filigranas e se as suas investidas se revestem de cuidado quasi primoroso na delineação, é, no entanto, mais lento no conclusão dos ataques, perdendo-se em passes que, sendo bonitos para a assistência, não dão resultado para a marcação. O Vasco é — releve-se a omissão da afirmação — assim como que o Boavista em futebol: técnica excelente e passes estudados até à ponta final — mas que se perdem daqui em diante, por excessivos. Não se pode dizer que a equipa não possua um quinto jogador. Essa afirmação seria errada — e não a aventamos porque cometeríamos uma injustiça para com o clube ao qual o «basket-ball» portuense mais deve, no sentido da propaganda.

Nada diremos quanto ao Guifões, porque desconhecemos o seu valor de momento. No entanto, e isto é uma verdade, os guifonenses pertencem a uma grande escola: a dos irmãos Matias, dos Ferreira Dias e de outros que fizeram do Guifões um grande grupo. De aceitar é, pois, que tenham classe definida.

Quanto ao F. C. Pórtio — o vencedor único do Carnide neste torneio — é um grupo que joga em força, usando da velocidade e do poder de lançamento que lhe é dado pela sua turma, das mais mexidas e voluntárias que temos visto. Com defesa seguríssima, onde se agiganta o vulto de Rodrigues, possui um terço de ataque com elementos de valia, lançando bem e de todas as formas.

Assim, o Carnide esbarrou com um adversário de sistema diferente. Foi uma grande jornada a que pôs frente a frente estes dois grupos — tão grande que todos saíram satisfeitos do campo. E isto é, quanto a nós, o melhor elogio que se pode fazer à turma sudista.

Esta constitui uma equipa estupenda. Ainda não vimos ninguém fazer com a bola o que João Cruz conseguiu. Será atrevido esta afirmação? A verdade, porém, é que até hoje ainda não vimos melhor, consubstanciado em homens: bom lançamento, finta, desmarcação e domínio do domínio da bola. Mas o grupo é homogêneo e todos jogam, não vão deprender-se de que deixamos dito que somente João Cruz é grande. Não! Todos sabem ocupar o seu lugar. É um todo unido, formando bloco. Os passes partem na certeza de que o companheiro está ali, no devido lugar. E saem rapidamente da defesa para o ataque, demonstrando tática preconcebida a par de técnica perfeita.

O Carnide é, de facto e de direito, um campeão. Assim o compreenderam os que o viram jogar neste torneio de Ano Novo.

Parabéns ao Guifões pela sua organização.

FLOREANO BASTO

NOTAS... SEM VALOR

ESTRANHA a atitude de Jorge Vasconcelos, de Braga, na expulsão de Mário Coelho, extremo-direito do Belenenses. Não havia, portanto, razão forte para «mancar» a equipa do sul. O campeão de Lisboa, podia sofrer um «deslize»... com a «exigência» de Jorge Vasconcelos.

— O segundo representante da Associação do Futebol do Pórtio no campeonato nacional da 1.ª divisão voltou alinhado com o seu avançado-centro, Oliveira, apesar de ter «cometido» um gesto muito «engracado» na ante véspera do jogo Sporting-Salgueiros, disputado na capital.

— No mesmo aspecto da semana anterior, a Comissão Distrital dos Árbitros não está ainda formada. Um dos dirigentes cessantes não tem «muita» vontade de ficar... Na presidência, João Nunes, antigo jogador do Futebol Clube do Pórtio, tem a simpatia geral, pelas suas qualidades de dirigente e desportista.

— A «nota» da Associação de Hand-ball do Pórtio, na indicação de transferência de jogadores, é bastante comentada no meio, em face da determinação de outro departamento desportivo. Pergunta-se: no «handball» portuense há transferências?

— O Inesta, bastante «fatigado» com os resultados do campeonato nacional da 2.ª divisão, já tem o concurso dos três jogadores que estavam ausentes. Tem, portanto, maior poder colectivo para enfrentar os restantes adversários da sua série.

— Muita «coisa» no Vilanovense, na pró-

TÊNIS

Nos campeonatos internacionais do Estoril

HENRI COCHET foi a figura saliente

Os campeonatos internacionais de ténis, que estão decorrendo nos courts do Estoril e cuja organização se fez sem tamborems nem trombetas, foram prejudicados pela chuva no primeiro dia de provas.

Encabeçando o agrupamento de jogadores estrangeiros inscritos, encontra-se um nome famoso: Henri Cochet, outrora campeão amador reputadíssimo e hoje profissional de méritos consideráveis. Alguns anos atrás, no tempo em que era tido por invencível, fizeram-se grandes esforços para o trazer até nós — mas infrutiferamente. Agora, os azares do Destino favoreceram a sua vinda, tornando possível apreciar o estilo inconfundível e a simpática personalidade do desportista francês, cuja forma física e «classe» estão longe de se acharem notavelmente diminuídas.

O restante núcleo de jogadores, com o romeno Rurac e o húngaro Szavost, nitidamente superiores ao resto do lote, compreende, além destes, o francês Gentien, o espanhol Boter e o romeno Cobzuc.

A turma nacional encontra-se composta de Roquete, Prata Dias, Carlos Costa, Azevedo Gomes, José Silva, Júlio Bastos e Melo e Silva. Destacam-se os dois primeiros, com mais classe e temperamento, e os seus resultados confirmam o motivo da excepção enunciada.

No primeiro dia de provas, sexta-feira, o espanhol A. Boter derrotou facilmente o seu antagonista, Azevedo Gomes, por 6-3 e 6-4, apesar dos esforços dispendidos pelo nosso compatriota.

Mário Szavost, muito à-vontade, dominou J. Quintana por 6-2 e 6-1, enquanto Cobzuc batia José Silva por 6-1 e 6-1.

Rurac, por sua vez, afastava da competição Júlio Bastos (6-1 e 6-0) e o mesmo sucedendo a Melo e Silva, este eliminado por José Roquete em 6-1 e 6-1.

Assim, na primeira tarde, só dois ténistas nacionais figuravam no prosseguimento do torneio, havendo sido relegados a um papel de meros espectadores, quasi sempre, os restantes seis.

A diferença de classe entre os visitantes e a gente portuguesa é demasiado nitida. No entanto, seria, no menos, consolador observar uma resistência encarniçada do nosso lado. Felizmente, a tarde de sábado, dar-nos-ia a surpresa agradável a que fazemos alusão.

Prata Dias e Gentien lutaram durante três partidas disputadas acerbamente. A primeira coube a Prata Dias por 7 jogos a 5 e tanto a sua decisão como a velocidade que imprimia ao jogo convenceram-nos de que poderia ganhar o set seguinte, eliminando o seu famoso adversário. Gentien ripostou à fogaçidade de Prata Dias alterando o ritmo das jogadas, insistindo sobre a esquerda do nosso compatriota e levando-o a atrair fora com frequência ou sobre a rede.

Por fim, esse cuidadoso labor teve o fruto merecido, isto é, o 2.º set, pelo resultado de 8 jogos a 6. A terceira partida principiou com o commandamento de Gentien e seguiu nessa toada até ao fim. O público não apoiou o seu compatriota nem mostrou o interesse que seria lógico e o próprio jogo, apparatus e agradável, justificava amplamente, pois que bastou aparecerem noutro court Cochet e Szavost, em treino privado, para a maioria da assistência deixar ruidosamente o recinto onde a partida estava em curso.

A derrota de Prata Dias, pelo resultado de 5-7, 8-6 e 6-4, não desmereceu a sua classe, pois Gentien é um jogador de largos recursos e experiência.

Cochet eliminou Carlos Costa por 6-1 e 6-1, fazendo alarde de uma facilidade de execução estupenda e desconcertante.

José Roquete, por seu turno, afastou da competição Melo e Silva por 6-1 e 6-1.

No domingo, o romeno Rurac derrotou C. Gentien por 6-2 e 6-1, exibindo uma técnica sólida, a-par da classe internacional que realmente possui. O seu adversário empenhou-se em resistir, não podendo, muito embora, evitar o pesado score que a cruzada dos números traduz com verdade.

O jogo entre Szavost e Cobzuc terminou pela vitória do jogador húngaro por 6-3 e 6-2. Szavost dominou cla-

ramente em velocidade, vindo à rede, com frequência, efectuar os pontos preparados pelas suas *drives* compridos, ao longo dos corredores. Apenas durante o 3.º jogo do 2.º set houve luta rude e o resultado esteve hesitante alguns minutos. Depois, Szavost alinhou de seguida os restantes jogos e a partida.

O encontro entre Cochet e Boter resumiu-se numa exhibição. O espanhol, batendo bem a bola, não tem mobilidade suficiente para seguir as jogadas, talvez por insuficiência dos seus meios físicos. Cochet, num 3.º jogo, ganhou de ora em quando executava magistrais golpes de raqueta, tão imprevistos quanto admiráveis.

O segundo set é a repetição do anterior, excepto que Boter ganha um jogo e perde os restantes seis. Com o resultado de 6-0 e 6-1 terminou o *match*, sem historia, entre os dois jogadores.

No final da tarde e perante a numerosa e selecta assistência que enchia por completo as bancadas, houve uma exhibição de pares mistos, entre D. Gabriela Cantarino e Henri Cochet, de um lado, e Madame Rurac e J. Roquette, do outro.

Depois de perdidos os três primeiros jogos, graças ao trabalho magífico de Madame Rurac, Cochet decidiu empregar-se um pouco e igualou o score. Mais um jogo para cada lado e o set termina a favor de D. Gabriela Cantarino e Cochet por 6-4.

Na partida seguinte, o mesmo par domina melhor e consegue fazer 6-1, com que terminou o espectáculo do dia.

A jogadora romena foi muito aplaudida pelas suas oportunas intervenções, realizando jogadas difíceis e de boa classe. O campeão J. Roquette secundou a muito bem, mas nada foi possível contra a virtuosidade de Cochet e os seus magistrais golpes.

D. Gabriela Cantarino, principiou hesitante e pouco segura — mas recompôs o seu labor no final da partida.

Acontecimentos da semana

(Conclusão da pág. 7)

LUTA GRECO-ROMANA — Retiraram-se os delegados dos clubes praticantes, a-fim-de estabelecer as bases para a criação da Associação de Lisboa da especialidade. Os srs. Hermenegildo Lima (Lisboa Gimnástico) e J. J. Barata (Ateneu Commercial) ficaram encarregados de proceder à elaboração dos estatutos e regulamentos do novo organismo.

NATAÇÃO — Na piscina de inverno «Eduarda Portugal», do Alges e Dafundo, effectou-se um festival para socios da colectividade.

Infantis — 33 m. brucos, Gentil Abreu Gonçalves, 26 s. 1/10; 33 m. «crawl» de costas, João Franco do Vale, 27 s. 2/10; «crawl» de frente, José Rodrigues Alves, 29 s. 2/10.

Meninas — 33 m. brucos, Maria do Rosário Nunes, 36 s. 2/10; 33 m. «crawl» de costas e de frente, Lucília Angeja, respectivamente, com 31 s. 3/10 e 27 s. 2/10.

Inserção livre — 50 m. brucos, Agostinho Pessoa Duarte, 40 s. 2/10; 50 m. «crawl» de costas, Oscar Cabral, 36 s. 8/10; 50 m. «crawl» de frente, Vasco Carreiras, 30 s. 2/10.

TIRO AO ALVO — Na prova «João Pereira da Rosa», triunfante iniciativa do Ateneu Commercial, que se disputa agora, pela sexta vez, na carreira «Dr. Antonio Martins», registaram-se mais seis «máximos» de 150 pontos, realizados pelo coronel Francisco António Leal e por Mário Borges Lança (S. T. n.º 2), José Taborda do Nascimento e Manuel Garrido (Atlântico), António Diogo (Banco Espírito Santo) e Joaquim Marques de Oliveira (Ateneu Commercial).

Na mesma sessão em que se obtiveram estes resultados, outros cinco atridores (Manuel de Almeida, do B. E. Santo, Dionísio Magro, do Benfica, Amável Sebastião da Silva, da «Atlântico», Joaquim Ramalho Sampão e António Flor Darwin, da S. T. 2) alcançaram 149 pontos.

— A Academia Verdi fez disputar uma prova para estudantes. D. Maria de Lourdes Gomes da Silva ganhou a competição destinada a senhoras, com 89 pontos. Na classe de homens ficaram vencedores: José Pereira Araújo (cat. A), 143 pontos; Hermínio Narciso (cat. B), 123 pontos.

VÁRIAS — O sr. tenente-coronel Salvaterra Barreto, illustre director geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, visitou as instalações do C. A. Campo de Ourique.

— O Sporting de Alenquer festejou o seu 17.º aniversário.

Inácio Ferro Mourão

QUASI em plena mocidade, apenas com 30 anos, faleceu há dias Inácio Ferro Mourão, que foi dirigente desportivo de grande relevo durante alguns anos. Na direcção do antigo Caracavelinhos, bem como na da Associação de Futebol de Lisboa e no congresso da Federação Portuguesa de Futebol, deixou excelente impressão — por sua inteligência e pelo apuro das suas atitudes. E trabalhou ainda, prestando valiosos serviços, em colectividades de beneficência e educação em Alcântara, onde residia.

Inácio Ferro Mourão cultivou também com brilho o jornalismo desportivo, especialmente num semanário ligado ao Caracavelinhos — «Alcântara Desportiva». O seu talento ficou largamente espalhado nesse semanário, constituindo agradável revelação para a imprensa da especialidade.

A Raimundo Ferro Mourão, irmão do falecido e também antigo dirigente desportivo, à direcção do Atlético Clube de Portugal e a toda a família do extinto, apresentamos a expressão do nosso pesar.

SILVA, FERREIRA & SOARES
Malhas, Miudezas, Perfumarias
ARMAZENISTAS
198, Rua de Mousinho da Silveira, 204
Telefone 1474
Telegramas Odile **PÓRTIO**

xima época!... Fala-se na transformação da sua secção de futebol, com a entrada de novas unidades, de boa categoria. O Vilanovense, clube dos mais notáveis no desporto nortenho, tem orientação directiva «muito sua», própria do valor dos seus mentores.

— Nova ideia do Salgueiros, segundo um «suelto» vindo a público, na aquisição de um treinador (!) com amplos poderes...

Stadium

SALGUEIROS - OLHANENSE

1 — Como foi marcado o 4.º "goal" do Olhanense; 2 — A defesa do Salgueiros em acção; 3 — Um remate al garvio que não surtiu efeito; 4 — A luta entre o atacante do Olhanense e a defesa nortenha
O 6.º aniversário da Associação Académica de Espinho; 5 — Aspecto do jantar de confraternização

(fotos Hermann)

